

# **NOTAS DO DIA**

COMMEMORANDO

# Notas do dia

COMMEMORANDO



S. PAULO

Typ. Andradee, Mello &, Comp,

1900

# A MEU PAE

O. D. C.

Os capitulos deste livro foram escriptos sob a impressão de factos do dia ou de successos historicos que a data evoca. Por isso, demos ao livro o titulo de NOTAS DO DIA e seguimos a ordem chronologica na disposição dos capitulos.

Não quizemos alterar cousa alguma do que estava escripto. É natural, pois, que a maior parte do livro se resinta da impressão do momento, a qual pôde não ter sido nalguns pontos justa, mas foi absolutamente sincera.

**O PASSADO DE MINAS**

E A

**INCONFIDENCIA**

*21 de abril de 1895.*

What of heroism, what oi' Eternal light was in man and liis life, is with very great exactness added to the Eternities. remaYns for ever a new diviue portiou of tlie sum of thing:s.

*Cromwelrs Lettem-Carlyle.*

Por uma lei psychologica, tão commum e tão frequente em suas manifestações, como benéfica e consoladora em seus resultados, os quadros da natureza e as scenas da vida humana, vistos de longe, offerecem um eonjuncto mais harmônico, um colorido mais suave, permiltindo ao observador fixar nelles o olhar attento e acompanhar este trabalho externo dos orgãos visuaes com uma operação inlima

do cerebro, que, como pintor, mysterioso, vai destacando mansamente os contornos, dando relevo ás figuras, enfeitando-as por vezes com os caprichos bizarros da imaginação.

Na hislória dos homens, certas figuras ha que, quanto mais annos passam sobre ellas, mais lhes cresce o porte na objectiva popular, mais adornos engalanam suas frentes, mais altos feitos glorificam sua memoria. Tal como nos crepusculos, quando, depois do pôr do sol, o oceaso se arreja de purpura e ouro; e, pouco a pouco, as cores do iris vão-se espalhando pelo céu até o afogarem num pelago de tintas gloriosas, donde espiam Iremulas as primeiras eslrellas.

Então, os typos históricos quasi se escondem sob uma Irama delicada de lendas ; a figura deixa de ser humana e real, positiva e vivida, para lornar-se lendária e poetica. Seja, embora, verdadeiro o principio de que, para estudarmos o passado, precisamos viver nelle por abstracção, descer

ao fundo da opinião dominante nelle para nutrirmo-nos com ella, julgar os homens pelo criterio que ella assim nos offerece — não podemos deter-nos na contemplação das scenas de nossa historia colonial sem que nos afflore aos lábios a velha canção guerreira de Sparta, na qual os mancebos lacedemonios anhelavam como ventura suprema a coragem e as virtudes de seus heróes desaparecidos.

Demais, esse culto não foi o laço de união das primeiras *phratrias*, o nucleo das primeiras cidades, uma das bases da organização do primeiro Eslado ?

O espirito de aventura creado e desenvolvido na peninsula Iberica em oito séculos de luctas diuturnas contra os árabes, esse mesmo espirito alliado intimamente á fé christã sobrevivente nas ultimas tiuphadias wisigothicas reunidas sob a bandeira de Pelayo, produziu — sabem-no todos — a cavallaria *a lo divino* e a cavallaria do mar.



Vasco de Lobeira immortalizou-o no AMADIS DE GALLES, Ignacio de Loyola na companhia de Jesus, Camões nos LUZIADAS, Colombo e Gama, Magalhães e Vespucio, Pinzon e Cabral, Hojeda e Dias — nas descobertas.

As descobertas foram obras da cavallaria do mar; e esse genio aventureiro não podia deixar de actuar muito profundamente nas conquistas e colonias porluguezas ou hespanholas.

Todos esses marujos afoitos traziam no fundo da pupilla, habituada a pesquisar as solidões marinhas, uma chimera que os levou a commelter heroísmos e atrocidades, emprezas beneficas e úteis ao mesmo passo que acções ridiculas.

Nenhuma chimera influiu mais na conquista e no devassamento do continente sul-americano do que a crença na existencia do Eldorado.

... « montanhas de ouro a trazer para casa! largas batalhas, vastos reinos a conquistar ! Entreviam todos cruces, commendas, riquezas, capitancias e gloria. »

As expedições de Cabeza de Vacea e Orellana são a prova de quanto essa chimera, em um povo idealista, actuava como força impulsora para façanhas incríveis, utopias extraordinarias.

Os primeiros europeus que desembarcaram nesle conlinente alimentavam, pois, esse ideal.

No Brasil, desde a chamada primeira bandeira, composta de 80 homens, commandada por Francisco Chaves em 1551 e cuja sorte é ignorada, uma serie de expedições se formaram com o filo da descoberta do ouro e de pedras preciosas.

Tourinho, em fins do seculo XVI, e depois d'elle Adorno, entraram no territorio do nosso Estado como os primeiros.

Os proprios governos alimenlavam a esperanza das descoberlas e esforçavam-se por ellas. Gabriel Soares foi talvez, o primeiro a deixar uma memoria narrando a própria expedição em que, aliás, falleceu.

D. Francisco de Souza, em 1594, e os dois Salvadores Corrêa de Sá, foram

commissionados pela corte para fomentadas descobertas cora a promessa de grandes recompensas.

Por carta regia de 7 de junho de 1644, dirigida a Salvador Corrêa de Sá y Benavides, el-rei deu regimento *às minas da repartição* do sul, pondo em vigor o primeiro regimento, de 45 de agosto de 1605.

Em 4598 já se minorava no Paraná.

Nenhum povo, porém, traduziu melhor o genio aventureiro e audaz que constitue um dos traços dominantes da physionomia ibérica nessa época do que o povo paulista.

Prohibida por algum tempo a importação de africanos no Brasil, esses sertanistas atrevidos derramaram-se pelo interior á caça de trabalhadores indigenas. Refere Pizarro que em 4630 chegaram até Santa Cruz de la Sierra. no Alto Peru; no anno seguinte allingiam a Gurupá, na Amazônia.

Si pudesse haver epopéa nacional, esta seria sem duvida a dos bandeirantes.

O que vai de energia, de heroismo, nessa tropa de *matteiros* e de sertanistas, não é possível descrevel-o. O senador Felicio, em sua preciosa monographia acerca do territorio diamantino, refere-se a elles nas seguintes palavras:

«Eram homens ousados e intrépidos esses aventureiros que se embrenhavam pelos sertões das Minas em busca de ouro; de vontade firme, pertinaz, inabalavel. Cegos pela ambição, arrostavam os maiores perigos; não temiam o tempo, as estações, a chuva, a secca, o frio, o calor, os animaes ferozes, reptis que davam morte quasi instantânea, e, mais que tudo, o índomito e vingativo indio anthropophago, que lhes devorava os prisioneiros. e lhes disputava o terreno palmo a palmo, em guerra encarniçada e renhida. Muitas vezes viajavam por esses desertos, descuidados e imprevidentes como si nada devessem receiar. Para elles não havia bosques impenetráveis, serras alcantiladas, rios caudalosos, precipicios, abysmos

insondaveis. Si não tinham que comer, roíam as raizes das arvores; serviam-lhes de alimentos os lagartos, as cobras, os sapos que encontravam pelo caminho, quando não podiam obter outra alimentação pela caça ou pesca; si não tinham que beber, sugavam o sangue dos animaes que matavam, mascavam folhas sylvestres ou fructas acres do campo. Já eram homens meio barbaros, quasi desprendidos da sociedade, falando a linguagem dos Índios, adoptando muitos dos seus costumes, seguindo muitas de suas crenças, admirando a sua vida, procurando imital-os.»

Não fora o fito immediato da maior parte de suas expedições a descoberta do ouro; a casualidade lh'o revelou.

Em descobertas desse genero precedeu-lhes em S. Paulo o celebre provedor Braz Cubas, no seculo XVI.

Depois de Tourinho e Adorno, que entraram em territorio mineiro no seculo XVI, Marcos de Azevedo, em 1650, subiu o Rio Doce.

Entretanto, cremos que a gloria de verdadeiro explorador do nosso territorio não pôde ser tirada a Fernão Dias Paes Leme, que, recebendo de Affonso VI uma carta do próprio punho, arrojou-se á mais notável e á mais intrepida expedição de que haja memoria para homens avanta-jados em aimos. O velho sertanista era octogenario quando assumiu o commando da expedição. Southey diz, que embora sobrem exemplos de acendrado patriotismo entre os subditos portuguezes, não é esse menos admiravel, attenta a idade de Fernão Dias.

Depois do explorador do Ibituruby, ficou rasgado o coração destas minas, donde ia jorrar o sangue precioso para alimentar o luxo da Europa e as guerras dos monarchas.

## II

Sucedeu então um periodo de confusão e de anarchia. Um verdadeiro exodo de aventureiros de todas as capitánias,

cujos engenhos ficaram sem trabalhadores, e da Europa, até onde tinha chegado a fama dos descobrimentos, se encaminhou para as minas.

Antonil o descreve como testemunha; e na *Vida do padre Belchior de Pontes*, pelo jesuita Manuel da Fonseca, encontramos o seguinte quadro:

«Reinava entre tanta abundancia de ouro a luxuria, e estava estabelecida como lei inviolavel pena de morte a todo aquelle que, sem attenção ao máu estado de seu proximo, se atrevesse a violar o thalamo da concubina, bastando para a execução de tão iniqua lei pequenos indicios; e quando o offendido se prezava de pio, chegava a condemnar a açoutes o transgressor, como se tora escravo, tendo a fortuna de escapar algum, por justos respeitos.

Acompanhavam a este monstro os contínuos roubos, os homicidios, as injustiças, e finalmente tudo aquillo que costuma a haver naquelles logares, onde ha falta de

homens virtuosos, que com o exemplo excitam aos mais a viver como christãos, e o temor das justiças, que com castigo determinado pelas leis obriguem, senão a obrar bem, ao menos a fugir do mal.»

«Não faltavam comtudo alguns poderosos, que usurpando a jurisdicção, que não havia naquelles logares, se inlrometüam a fazer justiça, prendendo em um circulo, que com um bastão faziam ao redor do delinqüente, impondo-lhe logo pena de morte se sahisse delle sem satisfazer a parte que o accusava.

A mesma pena se impunha muitas vezes aos devedores, para que pagassem ; e se acaso entre o juiz e o réu havia contas, esquecia-se o juiz da de diminuir, querendo receber por encheio o que lhe pertencia; reservando para a occasião de melhor commodo a satisfação do que lhe pediam de desconto : e o peor era que destes juizes não havia appellação ainda que havia tanto aggravado.»



Mas o espirito de nacionalidade, que teve a sua primeira irrupção pujante na insurreição pernambucana e na acclamação de Amador Bueno, em 1640, teve azo de apparecer nas rivalidades naturaes contra os forasteiros, «que aqui chegando como Jacob», apoiados a um bordão se faziam logo ricos, poderosos.

Os paulistas se consideravam com direito á terra como seus descobridores, e, muito abastados em indios e escravos, não perdiam monção de mostrar seu poderio, já tratando os forasteiros por *vós*, tratamento reservado então aos escravos, já lhes fazendo violencias.

Não tardou a rebentar a guerra dos emboabas, que trouxe como consequencia a criação da Capitania Geral de S. Paulo e Minas Geraes, independente da do Rio de Janeiro, por carta regia de 3 de novembro de 1709.

### III

A confusão e o desgoverno dos primeiros tempos deu logar a creações extravagantes, oriundas da necessidade de uma

fórma qualquer de publica administração. Ao mesmo passo desenvolveu o sentimento de altivez e independencia dos individuos, a cuja resistencia cedeu muita vez a auctoridade absoluta dos delegados regios.

Essa noção exaggerada do proprio valor e do direito individual muilo serviu para firmar o sentimento da liberdade na terra de Minas.

O primeiro governador de fado em Minas foi Manoel Nunes Vianna, acclamado pelo povo. Como tal, desempenhou todos os actos de governo, que aliás foram ratificados por Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, quando tomou conta da Capilania, em 4714.

Creadas as primeiras villas no territorio das minas, estabeleceram-se também as primeiras câmaras municipaes, instituições então poderosíssimas no Brasil. Exorbitando muitas vezes de suas funcções, julgando-se nimiamente poderosas, essas *republicas* (nomes que lhes davam então) foram embora a aprendizagem do

regimen democrático representativo e o nucleo de resistencia contra o absolutismo dos capitães geraes—o que é tanto mais admiravel, quanto o regimen municipal florescente em Portugal no seculo XIV estava então em plena decadencia. O operoso e illustre João Francisco Lisboa, em seus aponlamentos para a historia do Maranhão, já extranhava esse facto, confirmando-o entretanto.

Gozando de assignalados privilegios, como os de cidadãos do Porto, o foro de nobreza a seus officiaes (dado á câmara de Mariana), o assento de seus procuradores nas cortes—as câmaras arrogaram-se outras attribuições além das taxadas no livro I tit. 66 das ordenações e alvarás posteriores:

«Assim que promoviam a guerra e a paz com o gentio, decretavam a criação de arraiaes, convocavam juntas para discutir e deliberar sobre negocios publicos, chegando mais de uma vez, a suspendel-os (aos governadores) e nomear outros que os substi-

tuissem (como aconteceu no Rio a Thomé de Alvarenga, em 1660) enquanto o governo da metrópole, providenciasse a respeito.)

O orgulho dessas corporações era ainda lisongeadado pelo próprio governo da metropole, que muitas vezes reprehendeu severamente os governadores por se intrometterem nas eleições municipaes, como se vê na circular de 26 de fevereiro de 1671, a Iodos os governadores do Brasil.

Ha nisso alguma cousa de semelhante ao que se passou na Inglaterra, depois da conquista normanda, quando ao redor dos castellos e das baronias se congregaram os primeiros defensores dos direitos individuaes contra a prepotência dos reis.

Em Minas, as juntas e as câmaras se levantaram contra diversas medidas reaes consideradas lesivas aos interesses do povo, principalmente no tocante á arrecadação do imposto sobre o ouro.

Já em 1713, governando a capitania D. Braz Balthazar da Silveira, teve elle de prudenciar com a insubmissão dos povos.

Em 1720, no governo de D. Pedro de Almeida e Portugal, conde de Assumar, é conhecidissima a revolta contra as casas de fundição, em que foi sacrificado o valente Felippe dos Santos.

#### IV

Sucedeu logo a esse primeiro periodo, o da opulencia da capitania.

O ouro de aüuvião era abundante e então povoações se ergueram, templos notaveis foram elevados em agradecimento a Deus pela generosa largueza com que beneficiara os habitantes da capitania. Imperou o luxo e com eile peneirou a arte nestes sertões. Os homens ricos e poderosos mandavam seus filhos á Europa; a policia das cortes se estabeleceu entre os mineiros, que importavam com os artefactos da industria a finura de costumes das grandes cidades européas. Foi nessa epoca de esplendor que nasceram quasi todos os inconfidentes.

Os diamantes estavam descobertos e explorados, a abastança era geral.

Coincidiu enlão o apparecimenlo de um certo movimento litterario. Os diamantes de contrabando ou garimpados eram remettidos directamente á Inglaterra e á Hollanda ; em troca, ao mesmo tempo que entrava o dinheiro, entravam alguns livros em voga na Europa, produclo do grande movimento philosophico que gerou a revolução franceza. Nasceram nesse periodo nossos grandes poelas, da chamada escola mineira: Bazilioda Gama, em 1740; Santa Rita Durão, em 1737; Cláudio Manoel da Costa, em 1726.

Novikow, seguindo outros escriptores de sociologia, assignaia a influencia da riqueza, da opulencia e do luxo nas manifestações da arte e das lettras.

Conhecedores já dos grandes recursos desta parte da America, victimas da ganancia dos exactores regios, soffrendo já a rivalidade com os reinões — os filhos da capitania pensaram em independência.

A familia Caldeira, diz um trecho da epoca transcripto pelo senador Joaquim

Felicio, foi suspeitada de querer subtrahir-e á auctoridade real, fazendo o Tijuco independente e por isso foi perseguida.

Eram então avidamente lidos os primeiros livros de política escriptos em francez que entraram na *Demarcação* — o *Contracto social* de Rousseau e o *Espirito das leis* de Montesquieu.

Essa época de opulencia e de riqueza vem até meiado do seculo passado. V Quanto mais ouro se descobria mais se accendia a cobiça da metropole, mais se exercia o despotismo dos generaes em arrecadal-o para a fazenda real.

Uma série de impostos pesadíssimos ia peando cada vez mais a inicialiva dos mineiros. Ao mesmo tempo, o ouro de alluvião ia rareando, e nem outra industria, nem outra fonte de riqueza poderia medrar na capitania, porque havia medidas severíssimas para obstar o povo de cuidar da agricultura, da criação do gado, da fabricação do assucar ou da aguardente.

Todos conhecem quanto são precarias as riquezas provenientes da mineração; e aqui, dentro do Estado, definhando esta, nenhuma outra pode substituil-a.

A capitania cahiu em um estado de deplorável miséria.

A enérgica representação do dr. José Vieira Couto, em suas *Memórias sobre as minas da capitania de Minas Geraes*, nos dá uma idéa desse estado de decadência.

Foi nessa época que appareceu a Inconfidência.

## VI

Havia, porém, nas classes mais abastadas e nos homens de certa illustração, alguma cousa daquelle enérgico individualismo, tão admiravelmente manifestado no período das descobertas e no que se lhe seguiu. A idéa de independência, aliás mais de uma vez expressa, por Bernardo Vieira, em -1710, na câmara de Olinda, e, antes d'elle, pelos paulistas, em 1640, era acalentada por aquelles homens.



Não podiam, entreianto, ter uma formula pratica de realizal-a, porque não tinham príncipes americanos e o governo republicano representativo era cousa desconhecida então, pois as republicas gregas, romana e italianas assentavam sobre bases differentes.

A emancipação das colônias inglezas deu a esses palriolas uma formula e um incitamento.

Não poderiam, porém, encontrar nesse tempo a repercussão que em todo o povo teria seu grito de revolta, quando era prospero e feliz; agora, profundamente abatido seria incapaz de uma dessas luctas que asseguram a victoria.

Foi então que os estudantes brasileiros na Europa formularam a idéa e trataram de concorrer para a sua realização. Diz-se que quem a trouxe para o Brasil foi José Alvares Maciel, filho do capitão-mór de Villa Rica; este, porém, em seu interrogatorio, affirma que ouviu essa proposição

a Tiradentes, quando elle respondente, chegava da Europa.

Que não era nova a idéa o provam além dos dois factos antes referidos, um documento official do embaixador hespanhol em Pariz, conde de Aranda, em 4786.

Isso, porém, não diminue a gloria dos inconfidentes.

Escreptores ha que querem chamar para seu Estado a honra de terem sido os precusores do movimento da Independencia. Mas elles não se lembram que um facto desses não se produz, espontaneamente, antes é sempre precedido de indícios, de diversos factos que mais ou menos d'elle se approximam e que são os seus precusores. A necessidade de fazer erudição leva sempre qualquer folheador de livros a tirar desses indicios a conclusão de que o auctor do facto pouco ou nada fez. O amor proprio nacional e o *chauvinismo*, apoderando-se da questão, demonstram que a idéa deve ser attribuida a um compatriota. Não ha , por

isso, descoberta que não seja reivindicada por cinco ou seis nações. Resumindo, vemos: que na rivalidade natural entre os filhos da terra e os reinóes, constante já da celebre representação dirigida do Rio de Janeiro a El-rey, em 1707 e avivada na guerra dos emboabas ;

Que no periodo poslerior ás descobertas, em que os mineiros se governaram de fado independentemente-,

Finalmente, no grande poder das municipalidades, accenluava-se a caracterização nacional e o conseqüente sentimento de independencia.

Mas, esses sentimenlos e essas idéas, sem uma formula pratica e perfeita para sua realização, accenderam-se com a noticia da emancipação das colonias inglezas e seu toco foi Minas, a primeira das capitánias de então, por sua população, commercio e importancia economica.

Entretanto, a inconfidencia não foi nem uma conspiração, nem uma revolta, mas

uma propaganda em acção, sopitada violentamente por um governador que precisava de fazer jús aos bons olhos do governo real, perante quem estava desacreditado o governo de seu antecessor na capitania, Luiz da Cunha Menezes.

Essa propaganda não poderia encontrar melhor instrumento do que Tiradentes.

O lendário sertanejo tinha na alma o fanatismo que faz os heróes e que é ao mesmo tempo o facho da propaganda e a força viva, a mola poderosa do propagandista.

Phenomeno natural e nem sempre reconhecido — o espirito de organização que anima o estadista é concentrado, profundo, architectando os planos que a vontade pertinaz põe em pratica; ha nelle um *quê* de aristocracia e de orgulho que o colloca íóra do contacto intimo do povo. No propagandista, porém, a expansão é extraordinaria, o espirito notavelmente communicativo, embora exista em ambos a mesma energia de vontade. Por isso,

esses ultimos sanem quasi sempre do seio do povo humilde, do meio da sua vida *au Jour le jour*, eonhecendo-lhe a alma sabendo comprehendel-a, podendo íflar-lhe na linguagem que mais toca aos ignorantes, aos humildes, aos desclassificados. É Christo, filho de um pobre carpinteiro da Judéa; é Mahomet, guarda de camellos e mercador; é Pedro Eremita, pobre monge de sacola e bordão; é Mazaniello, pescador das praias italianas.

Não seria Alvarenga, opulento e amigo do luxo; nem Cláudio Manoel, fino homem de letras; nem Freire de Andrada, que poderiam convencer ao povo com a linguagem chã e energica de quem dormia muitas vezes debaixo do mesmo rancho e participava da mesma grosseira refeição. Essa alma ingenua e fanatica só a tinha Silva Xavier.

Alto, espadaúdo, de physionomia espantada, revelando a agitação de seu espirito, o lendário mineiro, nas suas diferentes

profissões, linha convívio com o jornaleiro, o escravo, o soldado e o grande.

Como curandeiro e dentista, fazia o bem, apalpava a chaga dos malaventurados e lhes apparecia nos momentos difficeis, quando o espirito, alquebrado pelo soffrimento physico, se levantava cheio de mysticismo pedindo um allivio que viesse do alto.

É, portanlo, admirável que tenham censurado em Tiradentes o seu fanatismo religioso, o seu beatismo quando beijou os pés do carrasco.

Os grandes propagandistas, os prophetas e os missionarios, se encontram de preferencia nas raças onde a imaginação e o sentimento sobrelevam á reflexão e ao espirito positivo, proprio dos povos constructores e organizadores.

Por isso, nem uma grande religião foi fundada pelos aryas da Europa.

Além disso, no genio do povo Ibérico, si ha uma qualidade, um traço dominante, é sem duvida o mysticismo.

Todos os heróes portuguezes e hespanhoes da conquista das indias eram beatos. Cortez não falava com um padre sem dobrar o joelho e descobrir-se.

E que diremos de Colombo e de Carlos V, recolhendo-se ao convento depois de suas victorias ?

Colombo affirmava: «Ja dije que para la esecution de la impresa de las indias no me aprovecho razon, ni matematica, ni mappa-mundos; llenamente se cumplio lo que dijo Isaias.» Que ha, pois, de extranhavel nessa qualidade, que constitue a força do inconfidente ?

À propaganda, fazia-a elle de todos os modos e por todos os meios — e eis porque o chamam de indiscreto, de leviano.

Na opinião do humilde auctor destas linhas, Tiradentes vale por todos os inconfidentes, porque elle representa a alma cândida e simples, generosa e meiga, afoita e brava do mineiro do povo, do filho inculto desta minha terra.

Na inconfidencia não houve revolta, nem conspiração, como já disse ; os planos de governo que formaram, ou as medidas que tomaram para o futuro, eram proprias da propaganda em acção. Porisso, não podia nessa epoca realizar-se a independencia e muito menos, com ella, a unidade da patria.

Todas as idéas generosas, Iodas as reformas politicas, todas as reformas philosophicas têm fatalmente os seus vexillarios, que são como aquelles soldados de Ney, destinados a encher o fosso para sobre elles passar livremente o resto do exercito humano em sua evolução progressiva. É o tributo do sangue, das primicias da alma, de todas as energias do coração, que tem de ser pago na senda dolorosa da vida, para todas as conquistas que augmentem o bem estar do maior numero.

Entretanto, esse tributo é uma das expressões do equilibrio que existe na natureza inanimada e nas sociedades e é condição de sua vida. Spencer



formulou-o quando diz que cada progresso conquistado é um obstáculo a um progresso futuro.

Aos inconfidentes, como brasileiros, devemos o reconhecimento de terem sido *pionneers*, na conquista de nossa nacionalidade e de nossa independencia.

Lembram-me agora as palavras de Ma-aulay, quando, baseado em Arioslo, conta a historia de uma fada, que, por uma lei mysteriosa de sua natureza, era condemnada a apparecer em certas estações sob a forma de asqueroso e peçonhento reptil. Os que a maltratavam durante o periodo de seu disfarce, eram para sempre excluidos dos benefícios que ella prodigalizava aos homens. Mas, áquelles que, a despeito de seu aspecto repellente, lhe compadeciam a sorte e a protegiam, ella se lhes revelava mais tarde sob a bella e celestial forma que lhe era propria. Guiava-lhes os passos, accedia a todos os seus desejos, enchia-lhes as casas de riquezas, fazia-os felizes no amor e victoriosos na guerra.

\_ Tal é a liberdade. Toma por vezes a forma de nojenlo reptil, roja por terra, sibilla e morde.

Mas, ai daquelles que, tomados de horror, tentam repettil-a!

Felizes daquelles que, ousando recebel-a sob a forma temerosa e degradante de serpente, serão alfim por ella recompensados, na sação em que reveste a forma peregrina de formosura e de gloria.

Nós recebemos a liberdade sob essa fôrma repugnante, alimentamol-a com o nosso sangue e com todas as energias de nossa alma. Saiba ella agora servir-nos, alentar a consciência de nossos homens publicos e fortalecer o character de nossos concidadãos.

# **Christovam Colombo**

E A

Descoberta da America

## CONFERENCIA

*realizada em Ouro-Preto, a 12 de outubro de 189-5,  
em sessão solemne do Gymnasio Mineiro.*

«De que me serviram vinte annos de trabalho, tantas fadigas, tantos perigos ? Não tenho hoje uma casa em Castella; se quero jantar, se me appetece a ceia ou me prostra o somno, meu ultimo refugio é a estalagem, e as mais das vezes me falta com que pagar meu escote» — dizia Colombo, em carta de 7 de julho de 4503, dirigida da America, da Jamaica, a seus amos, os reis da Hespanha.

Como são consoladoras essas palavras para o espirito do philosopho, para a alma

do sabio, para a energia do homem de bem, para todos que, conturbados no meio dos successos de uma era aziaga, descrêem da victoria do direito, do triumpho final da civilisação, quando as circumslancias como que se colligam para colocar a brutalidade onde devera pairar a serenidade augusta dos templos da lei!

«Só uma paciencia de Joh não desesperara, continua aquella carta palhetica, ao vêr que, no extremo perigo por que passávamos, eu, meu filhinho, meu irmão e meus amigos, me fechavam esta terra e estes portos que eu, por divina vontade, ganhara para a Hespanha e á cuja descoberta havia eu dedicado o melhor do meu sangue ...»

É o descobridor do Novo Mundo, é o almirante e viso-rei quem escreve essas palavras; aquelle mesmo para quem, annos antes, a Hespanha inteira não tinha em seus vergeis flores bastantes para alfombrar-lhe o caminho do triumpho!

Para as ambições insoffridas, para a

vaidade retumbante que confunde o echo percuciente das caixas vasias com as manifestações do valor e merecimento — que grande ensinamento a caria do heróe, do presenteador de mundos, que não achava junto de seu rei, ou no seio da sua segunda patria — qual se fora o compassivo Jesus — nem um trecho de lerra sua, para nelle repousar a cabeça fatigada! E não era um moço a quem a miragem de tempos melhores, entrevista no futuro, pudesse confortar nos soffrimentos do presente: era um velho, era um sexagenário, cujo craneo, habituado a perscrutar os segredos que a natureza, como a imagem egypcia, vela aos olhos dos homens, tinha quasi se queimado na lucta perseverante contra a má vontade dos governos, os preconceitos e a ignorancia dos pseudo-sabios ; era um marujo audaz, para quem os *fiords* da Islandia, tão nevoenlos, tão indecisos e traiçoeiros, se haviam aberto como aquelle secreto golfo das costas da Lybia aos alquebrados

companheiros do fugitivo Enéas; era um soldado que já deixara impressas, junto aos muros de Granada, no peito dos aga-enos, as provas vermelhas de sua galhardia.

Mas, senhores, não posso furtar-me ao desejo de lêr-vos esse documento tão eloqüente que o intrépido genovez legou á historia:

«Entretanto, prosegue Colombo, reuni todas as minhas torças e subi ao mais alto mastro do navio, dando gritos de alarma e appellidando em meu soccorro os quatro ventos: ninguém me respondeu. Exhausto de forças, adormeci e, pouco depois, ouvi uma voz cheia de doçura e de piedade pronunciando estas palavras: «Homem insensato, homem difficil de crer e de servir a teu Deus! quantos cuidados e quantos carinhos não te dispensou Elle, desde que nasceste? Acaso fez Elle mais por Moysés e por David, o seu servo? Não te presenteou Elle com as indias, essa parte do mundo tão rica,

e tu não a cedeste a quem te aprouve? Não te deu elle as chamadas barreiras do oceano, fechadas por cadeias tão fortes?)). . E eu, meio morto, ouvi tudo; mas nunca pude achar uma resposta: só, puz-me a chorar meus erros. Aquelle que me falava, quem quer que fosse, terminou com estas palavras : «Tranquillisa-te, tem confiança, porque as tribulações dos homens estão escriptas na pedra e no marmore». Se Vossas Magestades se dignassem de conceder-me a graça de ser-me enviado um navio, maior de sessenta e quatro toneladas, com algumas provisões, bastar-me-ia para me transportar á Hespanha com esta pobre gente. Tenham Vossas Magestades alguma compaixão. Chorem por mim o céo e a terra. Por mim chore quem tiver caridade, quem quer que ame a verdade e a justiça. Aqui estou nestas ilhas das indias, solitario, enfermo, cheio de penas, esperando a cada passo a morte, cercado de innumerous selvagens crueis e longe dos



sacramentos de nossa Santa Madre Igreja! Não tenho um maravedi com que faça uma offerenda a Deus. Supplico a Vossas Magestades que, se consentirem que eu saia daqui, me permitiam lazer uma peregrinação a Roma e a outros logares santos. A Santíssima Trindade conserve a V. V. M. M. a vida e o poder! (Passada nas indias, na ilha de Jamaica, a 7 de julho do anno de graça de 1503)».

Foi depois de um naufrágio nas costas da Jamaica, onde ficou esquecido do governo, deslembado do povo, que Colombo dirigiu a Fernando e Izabel esse notável documento, onde transluz o character do grande homem— todo elle energia; energia na fé, energia na acção. De seu feito, disse Voltaire, o grande demolidor:

«Foi o maior acontecimento de nosso globo, do qual uma metade tora até então ignorada pela outra. Tudo o que se mostrou grande até aqui desaparece deante d'esta especie de nova criação».

A todos quantos desanimam no meio da tarefa começada, para todos quantos desesperam pela falta de premio a seus serviços, ou pelo insuccesso actual de suas obras, que melhor exemplo do que a vida e o character do genovez ?

Digam, embora, que do anno 986 a 1347 os descendentes de Eurico o Vermelho tinham já descoberto a Heullandia, isto é, a Terra-Nova, a Marklandia, isto é, a Nova Escossia, a Vinlandia e, mais, o littoral do Massachussets, do Delaware, do Cheseapeack, do Maryland, nos Estados-Unidos; digam que antes, em 733, a Antilha fora povoada por um arcebispo, seis prelados e muitos christãos, que fugiram da Hespanha á invasão musulmana; e mais que o polaco João Szcolny, ao serviço de um rei da Dinamarca, havia aportado, em 4476, ao Labrador e o dieppense João Cousin, em 1488, ao norte do Brasil: a gloria de Colombo nem por isso fica mareada. A historia mede as acções humanas por suas conseqüências, e, além disso, «uma grande

descoberta, no dizer de um sabio, não se produz espontaneamente; é precedida de noticias, ou informações de factos differentes, que delia se approximam mais ou menos, que são seus precusores, suas vedetas.»

De facto, antes de Colombo, a existencia de um grande continente era geralmente ignorada em toda a Europa. Não importa que desde a antigüidade os phenicios falassem na Anülha ou Sete cidades; que o mathematico Eratoslhene, os sabios Plinio e Seneca, que os poetas Petrarca e Dante, crendo na redondeza da terra, concluíssem logicamente a existênciã de continentes ignorados onde habitassem homens. Seneca chegou a prophetisar a descoberta, dizendo em uns versos que «seculos viriam, nos quaes o Oceano, desvendando o segredo das cousas, mostraria uma grande terra, e um novo Typhis descobriria mundos ignorados». — A verdade é que tudo isso só foi lembrado depois da descoberta,

para desmerecê-la. Antes, debalde Colombo juntava argumentos sobre argumentos, mostrava trechos de sabios, afirmações de seu grande contemporâneo Paulo dei Pozzo Toscanelli, com quem entreteve correspondência ; debalde mostrava passagens da Escripura, provas e observações próprias e de outros.

Não tinha elle ido á Islandia, donde partiram no século X os primeiros barcos para o Novo Mundo ? Não tinha elle residido em Porto Santo, na maior convivencia com marujos portuguezes, a quem se ligara por duplos laços de familia? Todos esses argumentos, todas essas provas, expostas por elle leal e fervorosamente, como se vê das próprias cartas que deixou, foram desprezados. Homens e governos o consideraram visionário. E para augmentar-lhe a grandeza do feito futuro, lembraremos que o mais illustre geographo da epoca, Martim Bahaim de Nuremberg, o auctor do primeiro globo figurado, repelliu, consultado pelo rei de Portugal, a hypo-

these audaz de Colombo, e, assim, os Dominicanos de Salamanca. Nem por isso a sua grande energia se entibiou, e—o que é mais ainda—nos maiores extremos, soube conservar a mais nobre altivez. E para prova disto temos o insuspeito testemunho de Fernando de Talavera, o confessor da Rainha, que, quando Colombo recusou obstinadamente ceder uma linha sequer das condições por elle propostas, ao ter de assignar com a rainha o contracto para a gloriosa expedição, disse — «taes pretensões denotam extraordinária arrogancia, e seria inconveniente conceder tantos favores a um miseravel aventureiro estrangeiro». Mas a expedição largou, emfim, de Paios, a 3 de agosto de 1492.

«Foi assim, diz um grande historiador, que a *Santa Maria*, a *Pinta*, a *Nina*, pequenos navios de construcção ligeira, abertos e sem ponte, á excepção de um só, mal apparelhados, mal calafetados, altos de mais de popa á proa, com castellos avante, tripulo lados por gente em bar-

cada á força, se fizeram ao mar para a mais gloriosa empreza marítima de que ha noticia!»

E quando a população consternada viu partir os pequenos navios, recolheu-se, num assomo de piedade para os infelizes, ou num raptó de indignação contra o aventureiro que partia para a morte.

Até aqui, tivemos de enfrentar com uma das faces principaes do character do grande homem — a vontade, a pertinácia em vencer os obstaculos, a energia de acção. Vamos, agora, vél-o no meio dos mares, como essa flor peregrina, esse lirio dos versos de Ibsen, a flor desabrochada no meio das aguas dormentes, onde, perdida num sonho ou numa solidão, ella fluctúa pensativa; esse lirio debruçado sobre o abysmo, que delle guarda ainda na co-rolla o mysterio e o silencio!

Ou, então, vámol-o «como um augur antigo», decifrando nas noites claras os segredos das estreites, ou acompanhando

á proa a forma indecisa, sempre fugitiva, de uma terra longinqua!

O seu diario é um extraordinario documento de sagacidade e finura nas observações, de logica nos raciocinios, de elevação nos sentimentos. Foi assim que elle, «como o primeiro, reconheceu o desvio da agulha magnetica; antes de Pifelta, descobriu a maneira de calcular as longitudes por meio da differença da ascensão recta dos astros; notou a differença das correntes pelagicas, a accumulação das plantas marinhas, que determinam a grande divisão dos climas do oceano; a mudança de temperatura, não só em relação ás distancias do equador, senão lambem ás differenças dos meridianos ; não descurou também as observações geológicas concernentes á fôrma das terras e ás suas causas determinantes». Foi assim ainda que, depois da descoberta, nas suas differentes viagens, fez tão judiciosas observações sobre a população indigena e seus costumes, sobre os variados

productos da nova região, a possibilidade de acclimação das plantas européas, cujas sementes elle proprio trouxe para o Novo Mundo.

Entrelanto, depois de ludo, morreu no olvido, quasi no desprezo. E depois de sua morte, o governo d'El-Rei, a quem servira com tanta lealdade, lhe negou a propria fé de um contracto escripto, preparando um processo, no qual testemunhas *ad hoc* jurassem ter sido elle um embusteiro, um imposlor; seu filho e herdeiro, apesar de genro do duque de Alba, levou toda a sua vida a reclamar em vão por seus direitos e a defender o nome de seu glorioso pae.

Entretanto, quatro séculos depois, na grande exposição colombiana, cerca de quarenta milhões de kilometros quadrados de terra, com cento e vinte milhões de homens, se abrem para glorifical-o; seu descendente ainda vivo, o duque de Veragua e marquez da Jamaica, chegou a desfallecer á suc-cessão interminavel de honras, de carinhos,



de presentes, de finezas, com que os americanos cumularam o nome de Colombo e o seu sangue, na pessoa do fidalgo hespanhol.

Mas, deste ponto em deante, desenvolve-se o drama do Novo Mundo.

A península iberica, mystica e cavalheiresca, barbara e generosa, burlesca e sublime; esse genio peninsular, formado com os elementos africano, gothico e latino, elaborado e robustecido em dez seculos de lucta, vai desprender-se de seu ninho alpestre, do meio dos broncos penedos e entregar-se, como a procellaria, ás azas da borrasca.

Fernando Cortez, com sós quinhentos homens, desembarca no México, lança fogo a seus navios, por impedir que seus companheiros tentassem vollar á patria, e destróe o imperio dos Incas; Pizarro conquista o Peru; Almagro e Valdivia, o Chile; Orellana explora o Amazonas e Ayala

entra no coração da America, á procura de uma passagem para a índia, e mais Álvaro Nunez, Yrata, Balbôa, Cabot. Hojeda, Diogo dei Cano, Garcia, Solis e lantos outros se espalham pelo Novo Mundo. Então, ha um verdadeiro pandemonio. Os aetos de maior heroísmo contrastam com outros de baixa covardia. « O drama castelhano, ao mesmo tempo buffo e trágico, encantador de meiguice e sombrio de terrores; esse drama onde o sorriso e o sangue e o aço, que é *língua de Toledo* (como se diz numa comedia de Lope da Vega), e as flores, que nunca faliam nas Iranças das mulheres; onde o sacrilegio e a devoção, a blasphemia e o cilicio, todas as antilheses e todos os contrastes se acotovellam: o drama castelhano representa-se Iodos os dias neste palco vasto e deslumbrante dás indias Occidentaes» — diz o historiador da civilisação ibérica. Ahi se desenvolve o genio hespanhol, tão individual, tão caracterisado, tão audaz, tão brilhante, mas por isso mesmo sem um certo equilibrio.

Do outro lado, os portuguezes, lambem peninsulares, se desenvolvem desde Cabral até João Fernandes Vieira. E orna nova raça, a africana, veio reunir-se aos dous elementos existentes—indigena e conquistador, dando lugar a um formigamento, a um pullulamento de cellulas que se vão pouco a pouco aggregando, organizando-se, para formarem os grandes povos americanos no futuro.

Nada ba de mais vivo, de mais palpitante do que esta historia da America: passam por vezes entre os tempos clarões rapidos, scintillações que illuminam esse lodo escuro, amorpho, de onde mais tarde hemos de surgir. Ora, a revolla vitoriosa do heróe nacional do Chile, o índio Caupoïcan, levantando-se, em nome dos brios de uma raça, contra a fria perversidade de Valdivia, que envenenou num banquete um dos chefes araeuanios, concorrendo com esse admiravel exemplo de solidariedade e de bravura para a formação da futura sociedade de seu paiz; ora, a

abnegação e a grandeza dos proprios missionarios hespanhoes, que, como Bartholomeu de Las Casas, erguendo a voz por toda a parte em pró da raça indigena opprimida, fulguram nas terras do Novo Mundo como bemfeitores e como heróes; ora, as expedições arrojadas, extraordinariamente bravas, mas sem resultados directos, desses sonhadores, que, levados por uma chímica, se atiraram ao seio de vastas regiões ermas, á procura do El-Dorado; ora, a propria lucta da ambição e da cubica, dividindo em campos oppostos os mesmos conquistadores, como Almagro e Pizarro, o primeiro dos quaes foi, afinal vencido e enforcado pelo ultimo: — em todo esse pandemonio, em todo esse cahos rubro, mal bruxolêam os contornos das futuras nações em gestação, mas sempiternamente gravadas ficaram no character dos povos que hão de surgir, as qualidades tão bizarras do genio hespanhol, tão encantadoras, as quaes vão constituir a propria nobreza das individualidades nacionaes futuras.

Pouco e pouco, com o correr dos tempos, essa grande massa, que avulta a nosso olhar de observador, no fundo do horizonte, como que se approxima de nós— tal uma cidade, vista á grande distancia, da qual, a principio, se distingue apenas uma grande mancha esbranquiçadu no azul dos céos, e depois, manso e manso, vão se recorlando nos ares as torres, as cupolas dos edifícios, até apparecerem, afinal, as disposições de suas casas e ruas — servindo-me de velha mas expressiva imagem.

Com o correr dos tempos, vai apparecendo, mal firme ainda, a feição desse povo crioulo, e podemos vêl-o, mais tarde, com Guemes em Salta, ou com O'Higgins no Chile; com Belgrano e San Martin, com Henrique Dias, Rebello, Barbalho, Pedro de Albuquerque e Camarão no Brasil, ou com Bolivar, nos Andes.

No Brasil, dous seculos depois da conquista, já se vê mu povo que não era o conquistador derramar-se pelos sertões,

devassar os adytos das florestas virgens, arrancar das entranhas da terra, nos pontos mais afastados, o metal precioso. Em toda a America, já apparece o americano, que, com a fôrma de *gaúcho* ou de *monlonero*, de *cholo* ou de «independente», já não é nem o hespanhol, nem o portuguez. Então, todas as colonias, quasi na mesma epoca, se levantam na pugna por sua independencia.

Para todos quantos dizem que na historia da America do Sul não ha, do lado das ex-colonias hespanholas, um rasgo luminoso de fraternidade e de amor, senão episodios sempre cruentos de luctas intestinas, ahi temos a campanha gloriosa da libertação em que San Martin e Bolivar, o heróe do sul e o do norte, um descendo de Venezuela, outro subindo da Argentina, deram-se as mãos num mesmo ingente esforço pela libertação, não de uma, mas de todas as colonias hespanholas. Ha, sobretudo, um trecho dessa antiga terra hespanhola, que foi a arena da

carniceria, a terra sobre todas martyr na conquista da independência — é o Alto Peru, hoje Bolivia.

Foi ahi que se accendeu essa terrivel guerra das *republiquetas*, chamada, que relembra as façanhas olympicas dos hellenos, na Grecia heroica.

«É esta uma das guerras mais extraordinarias por sua genialidade, mais tragica por suas sangrentas represalias e mais heróica por seus sacrificios obscuros e deliberados. O longínquo e apartado theatro em que se feriu a lucta, a multiplicidade de incidentes e situações que se succedem nella, fora do circulo do horizonte historico, diz a esse respeito o general Mitre, a humildade de seus caudilhos, de seus combatentes e de seus martyres, occultou por muito tempo sua verdadeira grandeza, impedindo apreciar com perfeito conhecimento de causa sua influencia militar e seu alcance politico.

Como guerra popular, a das *republiquetas* precedeu a de Salta, elle deu

exemplo, ainda que não alcançasse exílio igual. Como esforço persistente, que assignala uma causa profunda e geral, ella durou quinze annos, sem que durante um só dia se deixasse de pelejar, de morrer e matar em algum rincão daquella elevada região mediterranea. Caracterisa-a moralmente o fado de que, successiva ou alternativamente, figuram nella cento e dous caudilhos, mais ou menos obscuros, dos quaes só nove sobreviveram á lucta, perecendo os noventa e tres restantes nos patibulos, ou nos campos de batalha, sem que um só capitulasse, nem desse, nem pedisse quartel, no curso de tão tremenda guerra!»

Quereis provas de maior vitalidade e de maior sacrificio? Alfim, conquistou-se a independência, e esses episódios cavalheirescos, esses rasgos de abnegação e de sacrificio, continuam a apparecer de longe em longe, no terreno dos combates ou na arena da vida publica. Mas, já estarão esses diversos Estados constituídos, for-



mados, organizados definitivamente ? Os mesmos Estados-Unidos da America do Norte já estarão organizados, no sentido sociológico? Não, absolutamente não.

Estamos ainda no período da elaboração do caracter nacional: os elementos d'onde provêm os typos americanos, não se fundiram ainda perfeitamente, embora, como já dissemos, possamos notar os traços geraes, o esboço da differenciação nacional. Estamos, pois, num periodo critico, em que a acção e reacção dos diversos phenomenos se accentuam, parecendo muita vez, ao olhar profano, a confusão e a anarchia. Não, não podemos desesperar. A semente do heroismo espalhada em todos os pontos deste territorio, o sangue de centenas de heróes espalhados em diversos trechos destes dezesele milhões de kilometros quadrados da America do Sul, produziu e produzirá beneficos resultados.

Ainda é cedo para contemplarmos o grande periodo das nacionalidades, quando, mais do que as armas ou as victorias, a

arte, as sciencias e as lettras individualisarem esses differentes povos americanos. Ainda é cedo para termos essa nobre litteratura, que, no dizer de Macaulay, é a mais esplendida das glorias do seu paiz e que, quando este percesse, fluctuaria nos séculos futuros, ainda no meio das noites e das tempestades, como a arca do Genesis, carregando os germens de onde mais tarde houvesse de sahir uma outra e mais gloriosa civilisação !

Mas, meus senhores, tereis notado que eu falei de moral e de historia, que relembrei episodios ou passagens, muitas dellas vulgares. Extranhareis, porventura. Eu, porém, me dirijo principalmente á mocidade, cuja educação, em pequenina parte, me está confiada. E' justo, portanto, que eu porfie por levantar-lhe o character, ampliar-lhe o coração, dilatar-lhe o espirito á contemplação das grandes scenas humanas.

Nós somos já, ella precisa de ser mais ainda, brasileira; não no sentido exclusi-

vista e brutal, que se não compadece com a moralidade do século e que, na Grecia, foi a causa de sua ruina politica. Mas no sentido generoso e humano, moralizador e scientifico, que os pensadores modernos altribuem ao concurso ou á collaboração de um povo na obra collectiva do progresso humano.

Abaixo esses preconceitos que, se ornando com o nome de nacionaes, o injuriam e retrotrahem o periodo em que o estrangeiro era o *hostis*, sem religião, sem lei, sem o proprio direito á piedade e cordura dos cidadãos!

O exemplo do grande homem, cuja gloria hoje rememoramos é um admiravel argumento para a destruição desses preconceitos. Que maior hespanhol do que o grande genovez ? Italiano de nascimento, não foi elle hespanhol pelo coração e pelo character? Não foi Castella *tierra a quien mas amor cobre*, no seu proprio dizer, e a quem deu o Novo Mundo ?

Oh ! tenho certeza de que agora, quando as sciencias sociaes desenvolvidas mostra-

ram que as sociedades não são meras aglomerações independentes e hostis uma á outra; agora, em que as grandes leis do desenvolvimento humano alargaram os corações, mostrando que todos os povos obedecem a princípios communs no decurso de sua vida ; agora, em que o direito das gentes—gloria inmarcescível de Grolius—se apurou e se desenvolveu, formando as associações humanitárias, como a Cruz, Vermelha nas guerras, curando indistinctamente os feridos de uma e outra parte; formando os tribunaes arbitraes, onde os litigios internacionaes se decidem á palavra austera da justiça; agora, em que o commercio jungiu todas as nações por laços de mutua dependencia economica e uniformisou nesse ponto seus costumes — agora, enfim, a America se mostrará aos seculos futuros como a *Ragha* de tres castellos, a *Chakhva* ou a *Varena* das lendas vedicas — berço primitivo e poeüico da nova orientação philosophica e politica do mundo.

Ella será, para os séculos futuros, como *Indra*, a fonte da luz, brilhando no céu no meio do rugir das procellas, luz que tudo penetra—os seixos e as florestas, o animal e a nuvem, presente sob mil fôrmas, levando a confiança aos corações e o calor aos desnudados.

Ao descobridor do Novo Mundo, não só como grande vulto histórico, cuja projecção se estende ao infinito, mas principalmente como exemplo de character, de honradez, de perseverança e de trabalho, em nome da mocidade mineira, eu o abençôo — martyr, eu o glorifico—genio.

Daqui, de um Irecho apartado dessa grande terra americana, de junto desses montes, cujo pincaro outr'ora chamuscaram as almenaras do bandeirante atrevido, eu elevo o meu *Ave*, não ao guerreiro audaz, — mas ao grande bemfeitor dos homens!



**The grand old man**

*Janeiro de 1897.*

A 29 de Dezembro proximo passado, celebrou-se em Hawarden, residencia favorita de W. E. Gladstone, o 87° anniversario natalicio do grande estadisla.

Como de costume, o auspicioso facto foi celebrado em lodo o territorio britannico com grandes e justas manifestações de jubilo.

Entre os telegrammas que Gladstone recebeu aquelle dia, cita-se o seguinte:

«Do melhor do meu coração, vos apresento minhas congratulações no dia de hoje. Como um dos mais humildes fados da india, exoro-vos empregueis uma parle de vossa universalmente reconhecida bondade

em beneficio dos meus pobres irmãos da india, que estão morrendo cada dia aos milhares, victimas da fome e da peste.— BHAT.»

Este grande homem de Estado, que pôde ser considerado como um dos poucos paladinos da causa da civilisação humana, tem feito ouvir a sua voz auctorizada todas as vezes que ha uma grande injustiça a reparar, ou um grave soffrimento a mitigar em qualquer ponto do orbe. Pôde, pois, dizer-se delle o que alguém disse de Washington: — «é o melhor dos grandes homens».

A sua acção benéfica não se restringe aos limites, aliás larguissimos, do Imperio Britannico, mas irradia-se como um verdadeiro apostolado por toda a superfície da terra.

É assim que denunciou á Europa, em cartas memoráveis, as crueldades do Rei-Bomba, no antigo reino de Nápoles; que pugnou pela autonomia da Irlanda e agora empunha a clava para destruir de vez



os responsaveis pelos pavorosos morticínios de christãos em terras ottomanas.

Eugênio Veron, no prefácio á obra de Novikow — *A política internacional* — diz de Gladstone que é elle o unico estadista conhecido que merece tal nome, pois é o unico a personificar os sentimentos humanitarios e o espirito progressivo do seculo.

Todos sabem que o glorioso velho é também um exímio cultor das leltas classicas e notavel hellenista.

Como os grandes homens da Inglaterra, a litteratura não é por elle considerada uma futil occupação para moços, indigna da attenção de um homem de Estado.

Não só na Inglaterra, mas na França e em outras partes, excepto entre nós, os homens políticos, antes de attingirem a certas culminancias, têm sua competencia comprovada por obra de real valia. Haja vista ao sr. Gabriel Hannotaux, considerado o melhor ministro de Extrangeiros da actual Republica Franceza, que teve

a gloria de vêr sua *Historia do Cardeal de Richelieu* coroada pela Academia de França.

Uma habilidade de Gladstone, que só agora se revelou, é a de bibliophilo.

Em espirituosa carta escripta a seu amigo mr. Quarilch e publicada na *Academy*, o inclilo ancião conla (me chegou a reunir cerca de 35.000 volumes, dos quaes grande parte elle não conserva, por ler transferido pouco a pouco, em successivas doações, á «Institution of St. Deiniol's».

Reservou, porém, para seu próprio uso muitas obras, algumas das quaes elle considera verdadeiros thesouros.

Refere Gladstone que o livro ha mais tempo em seu poder é um exemplar dos *Sacred-Dramas*, de mistress Hannah More, dado pela própria auctora e precedido de uma delicada e terna dedicatoria, no anno de 48-15, quando o venerando estadista era apenas uma criança de 5 annos.

A carta a que nos referimos, escripta com mão firme, em terço e lídimo inglez,

é datada de 9 de setembro de 1896 e foi reproduzida em *fac-simile* na obra do sr. Bernard Quaritch — *Contributions Totuards a Dictionary of English Book Collectors*.

É grandemente consolador, neste fim de século cheio de desesperança e baldo de fé, o vêr as duas alias e nobres figuras de Gladstone e Leão XIII, dous octogenários de espirito joven e fé ardente, projectarem o pristino fulgor de sua bondade e de seu saber sobre as angustias, as dissenções, os odios implacaveis e os soffrimentos sem termo do homem moderno.



# AO CHILE

*Por ocasião da visita dos officiaes da esquadra  
chilena a S. Paulo.*

20 de maio de 1897.

O trecho de terra austral que Almagro e Valdivia conquistaram para a coroa de Hespanha, essa nesga de terreno, angustiada entre os pincaros vulcanicos da *Cordillera* e as vagas do Pacifico, tem um destino singular na historia da America do Sul.

Não tendo tido, como o Mexico e o Peru, a dominação completa de uma raça conquistadora — a dos incas — que firmasse a conquista numa especie de feudalismo semelhante ao europeu; encontrando, em vez disso, a resistencia heroica de uma raça indigena nunca subjugada — a dos araucanios; não podendo ahi exploraro trabalho de um

povo escravizado para extrahir metaes preciosos, como nas outras partes da America povoada pela estirpe hespanhola — os primeiros colonos europeus fundadores do Chile tiveram de prover pelo trabalho próprio as primeiras necessidades da vida, fizeram-se agricolas e mineiros e temperaram seu character na lucta constante conlra o indígena que nunca foi vencido.

Os araucanios eram fortes e guerreiros, e nelles jamais se poude firmar a dominação européa, como nos outros indigenas da America do Sul. Tiveram de ficar associados aos europeus na partilha do território, e a historia noticia a energia indomita que esses indígenas desenvolveram na defesa de seus direitos.

Assim é que uma das notáveis obras d'arte do Chile é a estatua do heróe nacional, o indio Caupolican, que se revoltou contra o conquistador hespanhol Valdivia, vingando a morte dos chefes araucanios, que o perfido europeu fizera envenenar em um banquete.

Separado do vice-reinado do Peru, em 1778, o Chile constituiu, até á independência, um reino á parte, sujeito á coroa de Hespanha.

Quando don Juan Martinez de Rozas, argentino de nascimento, que Amunátegui, Barros Arana, Gaspar Toro e outros escriptores chilenos consideram o principal promolor da independencia da patria, organizou a primeira reforma democratica, dando aos *cabildos* ou governos municipaes interferencia no governo do paiz, o Chile achava-se preparado, por sua poderosa aristocracia territorial, para o regimen parlamentar. Este, mais tarde, desenvolvido e forüficado pela independencia, deu ao Chile essa physionomia única na America do Sul — alguma cousa da Inglaterra, alguma cousa da Roma antiga, com seus grandes lances dramáticos, seus grandes dias de borrasca, de que, emtanto, o caracter nacional emerge com o cunho de sobriedade, de decisão e energia, que tem sua personificação na

figura austera do fundador da patria, don Bernardo O'Higgins, ou no perfil epico de don José Manoel Balmaceda.

Raça de marujos pela própria posição geographica, como a da antiga Phenicia, a marinha do Chile, que S. Paulo tem a honra de receber hoje, não podia deixar de representar papel decisivo na historia de sua patria. E, num de seus mais intensos momentos de acção, ella não poderia medir força com um heróe mais cavalheiresco, mais bravo, mais esplendidamente aureolado de lendas ou de rimances — que o celebre marujo peruano Miguel Grau, com quem Arturo Pratt, o heróe chileno, se poderia bater, á semilhança de Heitor e Achilles.

Não somente esses traços da physionomia do povo chileno nol-o impõem á admiração e nos conquistam a sympathia. Lord Cochrane foi o mestre commum das nossas marinhas de guerra, e o Chile, em um momento difficil, nos deu a mais elevada prova de confiança elegendo o



imperador D. Pedro II para arbilro no importantíssimo litígio das reclamações européas.

O presidente Balmaceda recebeu do governo regencial da princeza D. Izabel a mais elevada distincção honorifica que o Brasil podia então conferir — a gran cruz da ordem do Cruzeiro.

Agora não fazemos mais do que cultivar esses laços de *sympathia reciproca*, estreitando-os cada vez mais.

E ainda esse sentimento de americanismo, cuja iniciativa querem attribuir a Monroê, teve nos fundadores da patria chilena, em um periodo anterior, defensores desinteressados e grandiosos.

Rozas, a que acima nos referimos, respondendo em 26 de novembro de 1840, pelo *cabildo* de Santiago, á Junta de Buenos-Ayres, a respeito da independencia, dizia: ...«y por lo mismo desea que, en consecuencia de los principios de V. E., proponga á los demás gobiernos (siquiera de la America deil Sud) un plan ó con-

gresso para eslabelecer la defensa general de todos sus puntos, y quando algunas circunstancias acaso - no hagan asequible este pensamiento en ei dia, por lo menos lo tendrá presente para la primera oportunidad, que se divisa muy cerca.» — (*Bartolomé Mure — Historia de la Emancipacion Sud-americana*).

A esse povo glorioso, que na propria revolução da independencia fez uma revolução parlamentar e legal, no dizer de um publicista, iniciada e consummada no recinto pacifico do foro municipal, com os mesmos meios de acção adequados a seus fins, imposta pela força da opinião, triumphando sem violencia, em nome da conveniencia publica, qual se fora um facto normal effectuando-se pela força de sua gravitação; a esse povo heróico, o povo de São Paulo saúda, não somente como amigo, mas como exemplo.

É o unico povo sul-americano com o qual não podemos ter questões de limites

e, portanto, quasi nenhum receio de estremecimento.

Levem, pois, os companheiros de Arturo Pratt, nos corações, ou nos *buquês* de guerra, aos altos serros nevoentos de seu paiz a renovação das saudações que já outr'ora nossos atrevidos bandeirantes apresentaram aos Andes, em cujas fraldas accenderam as mais longinquas almenaras.



# A COMEMORAÇÃO DE ANCHIETA

TRICENTENARIO

.10 de junho de 1897.

I wait tny breath, Great Parent, that my strain May  
modulate with murmurs of the air, And motions of the  
forests and the sea And voice of living beings and  
woven hymns of night and day, and the deep heart of  
man. «ALASTOít» P. B. Shelley.

Hontem, quando a voz do orador sacro  
vibrava fremente pela nave do templo,  
conclamando á multidão recolhida a gloria  
de Anchieta, nós te ouvíamos a voz, ó almo  
pegureiro dos indigenas d'esta terra,  
sentiamos-te ainda o accento repassado de  
unção beatifica, exalçando o espirito dos  
filhos das florestas !

As naves rasgavam-se a pouco e pouco; a  
luz do sol dos tropicos reaccendia-se para  
aclerar as cousas vivas que se agitavam num  
scenario bem differente ...;

e não era mais a cathedral christã", onde os fieis em Extase prestavam culto á memoria do apostolo do Brasil: era a floresta virgem, eram os Asperos montes, os arroios tremulos ou as fontes claras, que se abriam como um templo vasto e livre — era a propria terra brasileira, que se estendia como o templo único e sufficientemente largo para a commemoração do pastor compassivo que conseguiu vencer pela doçura a fereza do selvagem.

Então, todas as scenas de heroismo do cavalleiro da Fé se reanimavam aos tons fortes da paizagem primitiva: aqui, um punhado de meninos bronzeados, modulando com as vozes dos passarinhos os hymnos da Igreja; acolá, o festim barbaro, que tem por epílogo o sacrificio de um prisioneiro, interrompendo-se á intimação do missionario, deante dos guerreiros assombrados; além, o rebanho pavidó dos colonos, que a imminencia da aggressão dos selvagens aterrorisava, aggremando-se ao redorde Anchieta e

tranquillisando-se ás seguranças de sua palavra e de sua influencia sobre o gentio.

E por toda a parte, confundida com a evocação mystica d'aquelle espirito peregrino, casando-se com as reminiscencias de sua historia e os benefícios de seu apostolado, a sua glorificação cantava em todos os hymnos da natureza, desde o sussurro, apenas adivinhado, da queda do orvalho até os rugidos da ventania.

Todas as perseguições e todas as guerras que se encarniçavam contra os companheiros do ilhéu das Canarias e seus successores na catechese — a revolta no governo de Salvador de Sá, a expulsão do Rio de Janeiro e de São Paulo, a revolta no Maranhão, as guerras contra a Missões do Sul, até a eliminação da Companhia de Jesus por Pombal e sua abolição por Clemente XIV — tiveram entre nós como principal motivo a defesa heroica e tenaz que oppuzeram os discipulos de Loyola á escravidão desses brasileiros errantes e bravios, que a dedicação

de Anchieta chamou a colaborar na fundação de uma pátria una e definitiva.

Si acaso volvêssemos aos tempos passados, ao período lendário dos aryanos civilisadores do Occidente, o culto a Anchieta se celebraria como se celebrava naquella lèmpo longínquo o culto dos fundadores da pátria, Theseion ou Quirinus, em commemoração diuturna, no Prytaneu ou no Capitolio, entre as espiraes de incenso, junto do altar destinado ao sacrifício, no meio das flores olorosas desparzidas sobre o mármore das aras.

O *Commercio de São Paulo*, que foi dos primeiros, pela bocca e pela penna de Eduardo Prado, a levantar a idéa da commemoração de Anchieta, reunindo, com as conferencias realizadas por brasileiros notaveis, um riquissimo repositório de historia nacional — deve agora com justiça falar por ultimo.

A voz do orador sacro ainda nos repercute aos ouvidos com os louvores ao Bemaventurado. E por um extranho con-



sorcio entre a epopéa de um cantor pagão e as façanhas desse paladino da fé, são as palavras de Virgílio que nos vêm trazer, como uma oblação dos adoradores de Jove aos discipulos de Jesus, a glorificação de Anchieta nesta sugestiva phrase: *O terque, quaterque beatus!*...



**14 de Julho**

*14 de julho de 1897.*

A França quiz symbolizar na tomada da Bastilha todos os passes da grande revolução que a convulsionou em 1789 e que, espraiando-se pela Europa com aquelle poder de expansão febril e communicativa, peculiar á grande nação latina, creou nas velhas nações continentaes a alliança do principio da hereditariedade, a força conservadora e tradicional, com o principio da electividade — a força reformadora, que anima a marcha incessante das sociedades.

A plasticidade do systema representativo, creado á influencia da Revolução

Franceza nas velhas monarchias da Europa continental, corresponde a uma verdade fundamental na natureza do homem e da sociedade: nella existe uma parte immutavel e outra de grande transmutabilidade, equilibrando-se.

Nesse eterno equilíbrio, que os maiores pensadores assignalam e que representa nas sociedades humanas a *lex-mater*, como a lei da gravifacção para os mundos sideraes — se desenvolve a vida ou a historia da humanidade.

Mas a tomada da Bastilha é um symbolo. O facto em si é de somenos importancia. Muito mais gloriosas seriam as datas de 5 de maio — a abertura dos Estados Geraes; o 17 de junho — transformação dos Estados Geraes em Assembléa Nacional; sobretudo, o 20 de junho — o juramento do jogo da Pela — e o 4 de agosto, em que foram supprimidos os privilegios feudaes e se fez a gloriosa e inesquecivel «Declaração dos direitos do homem». Não se deve — já o disse notavel escriptor inglez — fazer das grandes figuras

da Revolução Franceza heróes, nem pintal-os como demonios; são simplesmente homens, arrastados por acontecimentos cuja corrente elles não puderam soffrear, dominados como estavam pela cegueira e a febre de eventos sem parallelo na epoca em que viveram.

A eloquencia de hisloriadores phanlasistas muito tem concorrido para dar uma impressão falsa da Revolução Franceza. É tempo agora, depois de decorrido um seculo, de pôr de parte a lenda : então, aquelle periodo apparecerá mais verdadeiramente dramatico em seu desenvolvimento e em sua importancia, menos theatrai e menos encenado. Em uma palavra, alguns historiadores têm enfeitado a Revolução com os accesso-rios irreaes de uma representação theatral, em vez de consideral-a como um grande drama da vida real.

Embora não possamos considerar a França como a primeira em gozar dos benefícios da Declaração dos Direitos, porque a Inglaterra a tinha precedido

muitos seculos com a Magna-Charta, a Revolução Parlamentar e a Revolução de 1688, e havia conquistado, nesses Ires grandes movimentos, a sagração das liberdades publicas — comtudo, as revoluções inglezas não sahiram fora da orla do mar que cinge as Ilhas Britannicas, ao passo que o character principal da Revolução Franceza é seu cunho de humanitarismo e sua expansão pelo mundo.

Nenhum episódio dessa historia é mais bello e mais significativo, para demonstrar o character geral e humano da Revolução Franceza, do que o reconhecimento dos direitos do homem pela Convenção, justamente nos dias em que os exercitos europeus, federados, marchavam contra a velha Gallia allucinada e a constringiam numa gargalheira de bayonetas.

Depois da acção intensa, sobreveiu o delirio; e a terra elegante e cavalheiresca dos soldados de Fonlenoy, a França fidalga dos menuetes airosos, estrebuxou na embriaguez de sangue do Terror.

Formou-se o matadouro horrendo que Taine descreve com phrases incisivas e indignadas de analysta equilibrado e philosopho, um seculo depois.

Nem faltou á Deusa revolucionaria, que se tornou então bifronte, a mascara sarapintada do truão, a contrastar com a figura descabellada de Medéa terrorista.

Mas a febre passou; o delírio poude ainda prolongar-se até ás sleppes geladas da Russia, onde a epopéa napoleonica fôï cantar a mais dolente, porém a mais bella e a mais heroica de suas estrophes.

O rio, que extravasara na grande cheia rugidora, voltou ao leito primitivo, deixando nas grandes leziras, ao lado dos montes repugnantes de desl roços maleriaes e humanos, o largo sedimento de limo fecundante.

A tragedia deixou o ensinamento.

E a França de hoje é a mesma França aristocrática e centralisada, tendo um presidente que é um monarcha electivo, com um periodo de 7 annos de governo,

renovavel pela Constituição. E, porém, a França de Henrique IV, de Richelieu, de Luiz XIV, de Napoleão I, de Thiers, de Gambetta, de Jules Ferry e de Carnot, sem solução de continuidade. E' a mesma terra generosa que, renascida da Communa, tonificada com a sangria de cinco mil milhões de indemnização de guerra á Allemanha, deslumbra ao mundo com suas riquezas na exposição de 1878, 8 annos depois da catastrophe de Sedan ; é a patria dos vencedores de Priedland, daquelles mesmos batalhões gloriosos, cujos pavilhões, já meio ennegrecidos do fumo das batalhas, se baixaram reverentes á passagem do cadáver de um brasileiro banido da patria: o Sr. D. Pedro II.

Para representar essa França, nenhum quadro melhor do que a só vista do Louvre, estendendo-se em sua área de quasi 200.000 metros quadrados, empolgando-nos na evocação de um passado que aquellas pedras relembram desde Philippe o Bello até Gambetta.



Nesse palacio extraordinario, cuja construcção durou seculos, todas as glorias deixaram seu traço no mármore e no granito; e o que nos fere, nos prende, nos agarra nos meandros do sonho ou da visão, é a concurrencia de esforços, a solidariedade de todos os filhos d'aquelle paiz, formando um élo sem interrupção, desde os monarchas feudaes, cujas coroas emergiam do cimo luzente dos elmos de aço, até ao filho da plebe que fugia de Paris em balão, para levantar as províncias nos dias terriveis do cerco de Paris, dizendo:

«Francezes! exaltae vossos espíritos á altura dos perigos que desabam sobre a Pátria! Dáe ao mundo o espectaculo de um povo que não quer perecer!»

Podem, pois, os francezes symbolisar na tomada da Bastilha sua grande revolução. Não é, porém, o despotismo dos reis somente cujo fim a derrocada da sombria prisão de Estado representa; é também o fim da Fronda, da Communa, da septembrizada; é o fim de todos os

despotismos — sejam elles de assembléas, do povo ou dos reis. É o império da lei e da justiça, da razão e da liberdade.

Hoje só existe o lugar onde se erguia outr'ora a velha prisão; mas, se por acaso ainda estivessem de pé alguns pannos de muralhas, do meio dessas ruinas, um observador, olhando para o passado, poderia vér debuxar-se o perfil que Jules Claretie vislumbrou num longo olhar do duque de Aumale, fitando uma gravura do velho Louvre feudal : — a imagem da França moderna, emmoldurada nas ruinas da velha e sombria fortaleza medieva.

**Canovas del Castillo**

10 de agosto de 1897.

*Solo estoy ! salga de mi pecho, en acentos repetidos mi dolor!* As palavras de Calderon de la Barca, um dos mais puros representantes do genio hespanhol, irrompem agora do seio da Hespanha.

O estadista que acaba de morrer era o representante genuino d'aquelle velho orgulho cavalheiresco que encontrou sua synthese admiravel na altaneira divisa de Aragão — *Si no, no!*

O caracter de Canovas, essa energia inquebrantavel para a qual a Hespanha appellou neste momento decisivo de sua

vida nacional, vem filhado de um passado remoto, que se perde no grande drama medievico da reivindicação do territorio contra os arabes.

Os antecessores de Canovas na lucta epica pela integridade da terra da Patria só podem ser encontrados em Jimenez e Alberoni, ou nos heróes populares que os trovadores caniaram e a lenda eternizou no *Cid Campeador*.

Sua energia é filha legitima daquella que o pincel de Goya immortalizou nos morticínios de Maio, na reacção contra a conquista napoleonica; é a mesma energia que luclou contra Napoleão I e o venceu.

Foi por isso que a Hespanba se acercou de Canovas neste período de crise; foi por isso que as dissensões dos partidos se calaram no momento supremo em que o velho estadista, sereno e olympico, organizava exércitos, appellava para as forças vivas da nação e arrancava desse patriotismo sempre vivaz thesouros inacreditaveis, naquella terra, que, não ha

muito, parecia entorpecida e alquebrada ao peso das glórias que ella debalde queria conservar, depois de ter perdido seu império na America e sua categoria de potencia de primeira ordem.

Não sei quem chamou Canovas de Bismarck hespanhol. Ha entre um e outro a differença profunda que separa o genio hespanhol do genio allemão.

O primeiro, irrequieto e idealista, apaixonado até o fanatismo, não sabe dobrar-se ás circumstancias, nem pôde possuir esta grande dose de espirito pratico ou de equilibrio que ensina a transigir e a farejar na questão mais transcendente suas vantagens ou seu lucro.

Foi por isso que, na era commercial e industrialista aberta ao mundo com a descoberta da America, o genio peninsular do hespanhol ou do portuguez, não poude lutar com vantagem contra o genio anglo-saxão e germanico e teve de ceder o passo á Hollanda e á Inglaterra.

Não é na terra de Canovas dei Castilho que pôde predominar o bom senso do Sancho, de Cervantes. No drama castelhano, ao mesmo tempo buffb e tragico, encantador de meiguice e sombrio de terrores, onde ha o sorriso e o sangue, e o aço, que é *lingua* de Toledo, como diz Lope da Vega, e as flores que nunca faltam nas trancas das mulheres; onde ha o sacrilegio e a devoção, a blasphemia e o cilicio — todos os contrastes e todas as antitheses se acotovellam, disse-o algures Oliveira Martins.

Essa nacionalidade tem, mais do que qualquer outra, uma vitalidade intensa e uma tão profunda idéa de orgulho ou de pundonor nacional, que a faz seguir a regra — antes quebrar do que torcer.

Canovas era dessa raça e soube personificar esse genio.

Dedicado em extremo á monarchia hespanhola, o velho estadista bem comprehendeu que a sorte da patria estava ligada á permanencia da monarchia. Por

isso, elle quiz afastar toda a probabilidade de lucta dynastica, promovendo o casamento de dom Jayme, filho de dom Carlos, com a princeza das Asturias, filha de Affonso XII.

Não foram os republicanos hespanhoses que lhe conseguiram crear tropeços á grande acção de homem de Estado.

A republica em Hespanha não podia ter outra sorte que a Republica Romana, do tribuno Rienzi, aquella bellissima figura de sonhador que a força das cousas esmagou no meio do sonho. A republica em Hespanha não podia jamais concretisar-se nas idéas de Zorilla e de Py y Margall; ha de continuar a ser a aspiração, mas só aspiração indefinida de Castellar.

Os factos o demonstraram com a deposição de Izabel II.

Ninguém, como Canovas dei Castilho, zelou mais o melindre nacional. Nas conjuncturas terríveis que as duas guerras separatistas, em dous cantos oppostos do orbe, nas Philippinas, no Oceano Pacifico,



e era Cuba, no Atlantico, crearam para a Hespanha; quando o thesouro hespanhol precisava de recursos urgentes, aquelle homem altivo leve palavras de nobre orgulho para repellir *in limine* uma proposta de emprestimo exterior que elle julgou humilhante para sua patria.

Como aquelle lidador das narrativas de Alexandre Herculano, Canovas, apesar de septuagenario, não podia morrer de achaques de velhice em leito commodo. Morreu em plena acção, em plena lucta, cahindo como soldado no campo de batalha.

Por uma circumstancia do acaso, a morte o colheu naquella terra basca, cujo povo é o menos assimilavel, o que mais tenazmente lucta pela conservação de seu genio, de seus costumes, de suas tradições, de sua lingua; é esse mesmo povo cuja tenacidade na lucta das raças causou assombro a Schraeder, o geographo-anthropologista.

Ahi, á beira desse mar de tormentas e de nevoeiros, desse littoral alpestre, que

foi dos primeiros a emergirem das aguas nos tempos primevos da Terra, o estadista luctador concentrou os cincoenta annos de vida publica e de trabalho indefesso, o supremo objectivo de seus esforços, o seu anhelos supremo e aspiração derradeira, no grito que proferiu ao cahir ferido de morte — viva a Hespanha !

Esta saudação, em que o vinho foi o sangue, devia ter sido a essência concentrada das energias viris que Canovas despendeu pela patria.

O mar que reterve junto dos broncos penedos da terra basca não tem aquelle sorriso infinito das ondas, de eme fala o poeta grego.

Ahi, os vagalbões se alteiam e cospem insultos de espuma nas escarpas da costa; ahi, elle ribomba, estúa e se encachôa e representa a lueta perenne, que é a mais bella expressão da vida.

Ahi, elle canta, geme ou ruge\_; e sua canção eterna, seus queixumes ou ameaças

formidaveis são levados pela vaga errante ás terras longinquas.

A esse mar foi confiado o ultimo grito que se arrancou com o ultimo alento de Canovas dei Castilho: o ultimo viva á Hespanha — a esperança superna do estadista — irá ecoar na grande ilha do Atlantico, ou no archipelago do Pacifico, como um alento aos hespanhoes que pelem pela integridade da Hespanha.

Também Canovas morreu pelejando. Mas a sua obra terá um dia continuadores ; sua religião de patriotismo fez proselytos. Por isso, ao morrer, bem poderia exclamar como seu grande compatriota de um tempo passado:

*Vida, moriendo, recibo!*

Antônio Canovas dei Castillo nasceu em Malaga, a 8 de fevereiro de -1828. Formado em philosophia e direito pela Academia de Madrid, a sua mocidade foi toda dedicada a serios trabalhos litterarios e historicos, ao mesmo tempo que se occupava de jornalismo. Nessa epoca,

publicou um volume de *Poesias lyricas* (1854) e a *Campana de Huesca*, chronica do seculo XII.

Entretanto, a politica já o seduzia, e em 1852 a sua cidade natal o enviava ás Cortes, sendo esse o inicio de sua vida publica, em que tão relevantes serviços prestou á patria hespanbola.

Em 1861, Canovas era ministro do Interior, no gabinete Mon, trocando, mais tarde, esta pasta pela da Fazenda e Colonias, do gabinete O' Donnel, cabendo-lhe por essa occasião a honra de apresentar ao parlamento o projecto de lei que aboliu a escravidão nas colônias hespanholas.

Os seus discursos liberaes, e em que defendia a monarchia constitucional, tornaram-no um dos mais temiveis combatentes contra a revolução republicana de setembro de 1868, que, victoriosa, o exilou.

Nas Cortes Constituintes, de que fazia parte, empregou Canovas toda a sua eloquencia em combater os projectos de consütuição democratica, sendo um valente paladino da restauração bourbonica.

Foi, assim, um dos chefes do movimento restaurador, que collocou no throno da Hespanha o rei Affonso XII.

Depois do pronunciamento de Martinez, Campos, foi Canovas dei Casullo o presidente do Ministerio da regencia, incumbindo-lhe a grande tarefa de pacificar a Hes-panha dilacerada e enfraquecida por luctas civis.

Dessa época até hoje, a vida politica de Canovas tem sido a propria historia da Hespanha.

A sua energia de homem de governo teve de reprimir, em 1876, a segunda tentativa de guerra civil carlista e a primeira revolução cubana, e, ainda agora, o vimos arcar com as formidáveis responsabilidades e dificuldades das duas revoltas de Cuba e das Philippinas, que têm posto á prova o inextinguivel patriotismo hespanhol, a força e confiante patriotismo de seu governo.

Como opposicionista aos differentes ministerios liberaes e radicaes (Sagasta e Posada), Canovas mostrou-se sempre intransigente defensor do programma conservador que combalia o suffragio universal applicado á nação hespanhola, e, sobretudo, a lendencia democraüca de incutir no espirito das classes armadas o principio da intervenção nas questões politicas do paiz.

Canovas, condecorado pelo rei Affonso XII com o Tosão d'Ouro, fazia parte, por seus trabalhos pessoaes, da Academia de Historia e da Academia Real Hespanhola.

Dentre as suas obras históricas e litterarias, destaca-se a esplendida *Historia da decadência da Hespanha desde Ph-lippe II até Carlos II*, que é um dos *standard-books* da nossa epoca.

Na *Revista Espanola* publicou tambem uma notavel serie de artigos, que mais tarde foram reunidos em volume com o titulo de *Problemas contemporaneos*.

De 94 para cá, duas vezes presidente do Conselho, e ultimamente, depois de Sagasta, o papel de Canovas é a lucta perseverante e tenaz pela integridade da Hespanha.



**7 de Setembro**

*7 de setembro de 1897*

A gloria do fundador de nossa Patria não a poderão arrancar as investidas dos demolidores de nosso passado.

Se a inclyta geração de que foi contemporaneo Pedro I influiu poderosamente em seu espirito, ou, se assim o querem, arrastou-o á proclamação da independencia, somos obrigados a reconhecer, enlrelanto, que sem o lance cavalheiresco desse principe soldado, o Brasil se teria emancipado, é verdade, mas o nome — Brasil — não designaria uma patria una : serviria apenas de mera denominação geographica



para uma porção territorial da America do Sul, a que faltaria unidade politica.

Foi Pedro I, e com elle a monarchia e seus servidores, que nos deram o Brasil uno.

Aqui mesmo, nesta parte meridional do novo continente, temos innumerous exemplos historicos que nos attestam aquelle asserto.

Dos antigos vice-reinados do Prata e do Peru, não resta mais senão a lembrança, porque seu territorio se fraccionou.

Da obra grandiosa de Miranda e de Bolivar, também só resta o que registrou a historia.

A Confederação Colombiana quebrou-se em tres republicas mais ou menos fracas.

Mas não se diga que aos heróes da independencia da America hespanhola faltou a previsão do futuro. Belgrano e San Martin, e com elles o Congresso de Tucuman, proclamaram a independencia sob o regimen monarchico. Seu grande erro foi quererem pôr no throno sul-americano

um representante da dynastia dos Incas, Tupac-Amru, para nacionalisarem a casa real.

Os heróes da campanha libertadora estavam convencidos de que, para a unidade e, mais ainda, para a estabilidade da patria, era preciso a monarchia. As circumstancias não o permittiram, e quebrou-se a unidade desejada.

No Brasil, graças á monarchia, a unidade manteve-se.

Quando Pedro I se entregou á causa da independencia, sua auctoridade não se estendia senão a uma pequenina parcella do territorio do Brasil, cuja maior parte estava sujeita directamente á metropole e independente do governo central com sede no Rio de Janeiro.

O perfil historico de nosso primeiro imperador tem muita cousa do de Carlos XII, que a penna de Voltaire esculpiu em uma obra immorredoura.

Ha nelle a mesma rudeza de soldado, por vezes a mesma grosseria de homem

do povo, a mesma bravura brilhante de paladino.

Para estereotypar o perfil heroico de Pedro I e collocal-o ao lado da «incllyta geração, altos infantes» de quem falam os glorificadores do Mestre de Aviz, bastava a campanha conslilucional na peninsula.

A monarchia poude colher os laços mal seguros de união entre as capitánias e governos e enfeixal-os na constituição de um Brasil uno, que é hoje nosso unico motivo de são orgulho.

Foram muitos e importantes os collaboradores desta obra; não cabe, nestas linhas, medir a extensão e o alcance dos serviços de cada um d'esses fundadores da patria.

A nós, como jornalistas, não pôde, porém, passar despercebido o nome do glorioso redactor da *Aurora*, o nome inolvidando de Evaristo Ferreira da Veiga.

Embora o trabalho desse brasileiro illustre se fizesse sentir depois da abdi-

cação de 31, a elle se deve, entretanto, pelo muito que fez, então pela monarchia, a gloria de ter sido um dos fundadores da patria.

Todos os movimentos nacionalistas ou emancipadores no Brasil, anteriormente ao 7 de setembro, tiveram um caracter, senão local, ao menos provincial.

Quer consideremos os movimentos meramente nacionalistas, quer os que visavam a independencia, nenhum foi brasileiro, senão o 7 de setembro: foram restrictos a uma porção do territorio a inconfidencia mineira e a revolução de 1817, e, antes destas, outros movimentos, que não tiveram resultado, como a proclamação de Amador Bueno, em 1640.

Já quizeram arrancar do largo do Rocio, no Rio de Janeiro, a estatua de Pedro I; já mudaram o nome da Estrada de Ferro D. Pedro II; já quebraram as grades do jardim do campo de Sant'Anna e já fizeram outras tolices eguaes, com

o intuito de apagar de nossa memoria aquillo que nós fomos.

Mahomet II, o destruidor do Imperio do Oriente e conquistador de Constantinopla, não fez outro tanto; seus successores, até Solimão, o Magnifico, no meio da irradiação dos triumphos contra os christãos, respeitaram Jerusalém e o Santo Sepulchro e crearam até, para seus novos subditos christãos, o patriarchado de Constantinopla, que ainda hoje existe. As capitulares do tempo de Solimão, o Magnifico, são um documento extraordinario de tolerancia musulmana,

Nós não tivemos isto; em compensação, temos instituições liberrimas, republicanissimas, tolerantissimas, nadamos á braçadas num mar de liberdade e democracia ... que vemos, ás mais das vezes, por um poderoso telescópio, pois costumam andar tão longe ...

Mas, apesar de tudo, o Brasil, a patria commum, marchando embora para o supplicio, como o heróe da lenda arabe,

tem as palpebras fechadas: não vê, não ouve, não sente. Sua alma volta-se toda para os annos esplendidos, que parecia não se escoarem jamais, para os tempos em que, cheio de mocidade e de força, gozou de dias de triumpho — horas illuminadas pelo esforço ou o orgulho heroico, herdado dos antepassados.



# **Campanha de Canudos**

O epílogo da guerra

*9 de outubro de 1897.*

O hymno nacional brasileiro, uma das poucas obras tradicionaes que o moderno anabaptismo respeitou, resoava hontem annunciando o triumpho conlra as hostes conselheiristas.

Fanfarras militares, bandeiras desfraldadas, flores, atropelladas legiões de povo— tudo se ostentou hontem pelas ruas de todas as capitães do Brasil, em effusivas demonstrações de júbilo. E tudo passou, e a indifferença e o egoísmo continuam a levar o povo, aqui e em toda a parte, a festar quando ha festa, a festar sempre, quer as bandas de musica entoem hymnos



onde á astucia de Calchas e de Ulysses se reúne a bravura brilhante de Heitor e Achilles — essa lucta deveria merecer a attonção dos publicistas, para ser estudada, não simplesmente na tragica irrupção e no desenvolvimento, mas em suas origens profundas, como um phenomeno social importantissimo para a invesligação psychologica e o conhecimento do caracter brasileiro.

A allegação propalada por certos orgams da imprensa de que o movimento armado da Bahia é especulação politica, principalmente monarchica, é superficial e ridicula.

A especulação pôde crear aventureiros, mas não crêa heróes, não fanatisa homens.

A lucta da Bahia indica um estado d'alma que em parte alguma da superfície da terra, em epoca alguma da historia, poderia ser produzida pela acção de um ou mais homens intelligentes, com fito politico. Ella veiu registrara manifes-

tação de um phenomeno, cuja elaboração deveria ter sido lenta e funda. Admittir-se que a simples acção de um individuo possa produzir o fanatismo de um povo, é ser cego, é não conhecer cousa alguma de historia, ou de sociologia.

Considerando o phenomeno num ponto de vista elevado, prova-se, deante da historia do homem, em todos os tempos, que um individuo, cuja acção é intensa e larga na vida de um povo, não representa mais que a synthese do espirito colectivo; seu caracter fórma-se dos elementos que existem no conjuneto, e sua energia representa, em gráo de maior intensidade, as energias individuaes do grupo sujeito á sua influencia.

Sem essa identidade de elementos, sem esta similhaça de qualidades, não se explica a acção do individuo sobre as massas.

Quem julgar que foi a acção individual de Mahomet que creou o islamismo; quem quizer explicar as guerras religiosas dos

seculos XVI e XVII na Europa pela simples acção dos Guise, ou de Coligny, ou de Calvino, ou de Zwinglio, ou de Luthero, erra grosseiramente.

Esses indivíduos apparecem numa época, ou num agrupamento, como a expressão, ou, por assim dizer, o coeficiente psychologico dessa epoca, ou desse agrupamento. Elles realizam, no terreno social, o milagre que Oliveira Martins compara ao mysterio religioso da encarnação de Deus; elles encarnam a alma de um povo, ou de um simples agrupamento humano.

A guerra nos sertões bahianos, que foi provocada pelo desmazelo das auctoridades, custou a vida de milhares de soldados e de brilhantes offiiciaes. Esses grandes sacrificios podiam ter sido evitados por estudo escrupoloso da região em que se manifestou o singular phenomeno e pela investigação attenta do proprio phenomeno, antes de açular-se o fanatismo dos fanaticos atirando-lhes ás fauces corpos

de soldados. O movimento não revestiu, por mais que o queiram assim classificar, o character de movimento politico, nem de mero banditismo, tendo por movei o roubo.

Era um movimento de fanatismo que cresceu e se avolumou, até chegar ás proporções de perigo publico, graças á força que se lhe oppôz, desde o começo.

Assim é que, ha muitos annos, sendo presidente da provincia da Bahia o dr. Bandeira de Mello e ministro do Imperio o barão de Mamoré, houve uma representação do arcebispo da Bahia a respeito do proprio Antônio Conselheiro, que peregrinava com seus bandos errantes, mudando nomes de lugares, dando-lhes novas invocações religiosas, fundando egrejas e cemiterios...

Ultimamente, o movimento assumiu tal importancia, que realmente tomou character politico; mas quem lhe deu tal character não foram os fanaticos e seus chefes — foi o governo da Republica, desde o

sr. Victorino até o sr. Prudente de Moraes e Luiz Vianna.

Ha um argumento, que, para os espiritos emancipados e isentos de paixões, é decisivo para desviar da guerra dos sertões fins politicos da parte dos jagunços: é a concentração num ponto isolado, quando elles tinham o sertão inteiro. Elles nunca tomaram a offensiva, nem depois da derrota da expedição Moreira César, quando lhes estava aberto o caminho até á estrada de ferro. Depois, quando chegaram as forças do general Arthur Oscar, durante os quatro mezes de espantosa resistência, no fim dos quaes o simples bom senso indicava que era irremediavel a tomada do redudo, elles não fugiram ; esperaram pacientemente que o cerco se fechasse e com elle lhes viesse a morte.

Como aquelle sombrio quadrado dos *Miseraveis*, elles agonisaram terrivelmente, vendo accender-se no meio da noite os olhos ensangentados dos canhões; entregaram-se decisivamente á morte com

a resolução heroica daquelle bardo de Temrah, que a lenda irlandeza immortalisou, personificando nelle a ultima resistencia da Erinn barbara e paga á conquista da civilisação.

Venceu, como devia vencer, a força que representa a civilisação; venceu a auctoridade que o jurista chama a mais alta expressão de toda a força.

Mas ficou o ensinamento.

Até aqui, só eram brasileiros os habitantes das grandes cidades cosmopolitas do littoral; até aqui, toda a attenção dos governos e grande parte dos recursos dos cofres publicos eram empregados na immigração ou no tolo intuito de querer arremedar instituições ou costumes exóticos. O Brasil central era ignorado; se nos sertões existe uma população, delia nada conhece, della não cura o governo: e eis que ella surge, numa extranha e trágica manifestação de energia, affirmando sua existencia e lavrando com o sangue um vehementissimo protesto contra o des-

prezo ou o olvido a que fora relegada. Eis um elemento com que não contaram os architectos adores de nossas leis e de nossa organização e que surdiu agora avocando seu direito á vida.

E essa força, que assim appareceu, ha de ser incorporada á nossa nacionalidade e ha de entrar nesta como perpetua afiirmação da mesma nacionalidade. Ella ha de, assimilada pela civilisação, assegurar nossa independencia, impondo-nos ao respeito das nações estrangeiras.

Esses que foram mortos ou subjugados pelas armas nacionaes fazem parte do grande conjuncto de homens espalhados pelos 8.300.000 kilometros quadrados da superficie do nosso território, que vivem ignorados e esquecidos e não tomaram parte nas especulações da bolsa, não ganharam em contrabandos, não fizeram deposições, nem motins, nem contractos lucrativos; nem de longe lhes chegou a acção civilisadora do governo.

Deixados á lei da natureza, elles tomaram da natureza o que ella espalha com mão profusa pela flora ou pela fauna selvagem; cresceram e enramaram-se como as arvores das selvas, apprenderam agilidade com os chinos ariscos nas encostas alpestres, tiraram dos jaguares os estratagemas de guerra e a ferocidade na defesa das furnas.

Suffocados agora nessa feroz expressão de forças, elles abriram o caminho á civilisação, que só marcha, no dizer do publicista, atravez da violencia, e que, sendo sempre a resultante de uma eterna lucta, é sempre o producto da victoria e da consequente dominação de uns sobre outros.

Elles receberam o esplendido e mysterioso baplimo do sangue e, cinctos dessa purpura, abriram as portas da nacionalidade brasileira para seus irmãos sertanejos.



**PAULA NEY**

*15 de outubro de 1897.*

E foi assim que te despediste de nós, ó incomparavel bohemio !

«É enorme» — essa ladra de morte, como tu dirias naquelles bons tempos passados, quando agarravas pelo braço o Colegipe, o Belisario e outros contemporaneos, de uma época lão próxima e já definitivamente morta.

Nasceste, como Alencar, na terra que banham os verdes mares bravios e soubeste, em chegando ás plagas do Guanabara, empolgar os corações com teu gesto incisivo, com tua palavra facil e eloqüente,

com o chiste scintillante de teu talento insinuante e persuasivo.

Tiveste lugar de honra na campanha abolicionista, commandaste em chefe manifestações academicas; soubeste recamar de flores a passagem dos artistas immortaes... Desertaste em lempo, ó joven representante de um Brasil avelhantado !

Que ficavas fazendo por cá, nesta terra em que o mais perfeito espirito é o dos martyres das revoluções, que erram pelo ether, desconsolados e gementes ? Tua alma não se poderia assimilar ás almas dos canhões Krupps. que vivem a vomitar metralha, nas nossas luctas intestinas.

Era tempo, ó Ney querido, de franzires o sobrolho, concertares o nasoculo e acenares á morte, chamando-a de libertadora.

Na costa bravia do norte, de onde largaste um dia em demanda do Rio e em busca de uma carreira, que, a conselho de teus velhos pães, deveria ser positiva, real, dinheirosa.

Vogam ainda, envolvidas pela vaga errante, as jangadas aventureiras. São meia dúzia de páos jungidos, em cima dos quaes os cearenses atrevidos empégam-se despreoccupados, seguidos pelo grito estridulo das gaivotas.

Como elles, ha cincoenta seculos, os marujos phenicios amaravam-se, entoando as cantilenas da terra, esconjurando os feitiços das sereias. Por vezes, surprehendeu-os a voz cava do Euro traiçoeiro, e galeras ou jangadas lá se foram vogando desamparadas, aos maroiços do pego enfurecido, onde o marujo, como o do *P-cheur d'Islande*, foi celebrar as nupcias eternas com a onda mysteriosa.

Tu te lançaste á vida como o jangadeiro de tua terra, que se arrisca aos artificios da vaga enganadora, fiado no fragillimo apoio da jangada. E cantaste como o jangadeiro, pousado no dorso da onda esquiva, até que a morte te colheu despreoccupado em meio dos descantes.

«É enorme» — essa ladra de morte, que te foi roubando assim ! Não sei como não lhe desarmaste a foice adunca com uma das tuas tiradas.

Decerto a morte que te levou não era essa que nos representa o pavor do Além mysterioso ; decerto a velha ceifeira se ajaezou de novo para visitar-te ; enroupou de carne joven a face escaveira-da, accendeu nas orbitas duas pupillas magneticas de andaluza amorosa; vestiu o craneo de uma cachoeira escura de cabellos e enfiou na trança, num tom guerreiro e alacre de liça amorosa, uma papoula orvalhada e rubra.

E tu, que foste bohemio como Baudelaire e cavalheiro como Dom Quixote, tomaste prazenteiro o braço de Dona Morle, dizendo-lhe cheio de galanteria:—Se me permite, minha senhora...

E sahistes, os dous, como num intervallo de valsa, para colherdes uma flor ao jardim.

# **O ATTENTADO**

do dia 5 de novembro 1897

**A morte do marechal Bittencourt**

*6 de novembro de 1897.*

Mais um mausoléu se levanta na vasta necropole da Republica.

Deante desse tumulo, porém, calam os partidos, emmudecem as divergencias de opiniões e a grila dos energúmenos, para que os gemidos convulsos da patria torturada echoem livremente, plangentemente, percutindo fundo o coração brasileiro.

Agora, mais do que nunca, podemos representar essa pátria estremecida na figura splendidamente pathetica do Lao-coonte, immortalisada pelo buril divino do esculptor hellenico e pelos carmes lapidarios de Virgilio.

É naquella dôr que ainda lucha, naquella vida que succumbe á dedicação pelos filhos, na contracção daquelles musculos ao ultimo e supremo esforço, na angustia innenarravel de vêr a vida consumir-se nesse esforço supremo e vêr, ao mesmo tempo, baldado o derradeiro appello a todas as energias — é ahi que poderemos achar a imagem do Brasil actual.

Não é somente um tumulto que se abre, é mais um pouco da nossa honra, são os restos de nossa civilisação e de nossas glorias, que são arremessados por terra de roldão, com o baque daquelle cadaver.

Quarenta annos de paz, interna, quarenta annos de progresso seguro, de civismo accumulado em gerações successivas de patriotas e de homens de bem, são destruidos nas ruas de uma capital e substituidos pelo desencadeamento de paixões sudanescas, pelo entredevoramento dos homens em luctas de ambições injustificaveis e de cubiça desenfreiada.



Chegamos á infamia do assassinato politico.

Em alguns mezes, tres homens cahiram, a começar do desventurado Gentil de Castro; dous succumbiram e um, felizmente, o sr. Porciuncula, teve a dita de escapar.

Nesse mesmo espaço de tempo, foram empastelados jornaes nas ruas mais publicas do Rio, de São Paulo e de outras capitães do Brasil, aos olhos e sob a protecção da policia.

As tremendas divindades mylhologicas, as erynnias da tragedia de De Lisle, espalharam-se pelo território do Brasil. Em toda a parte se ouviram os rechinos das furias; em toda a parte houve uma familia orphanada, uma dôr sem consolo e, o que é mais, um crime atroz muito.

O marechal do exercito brasileiro, que agora cahiu varado pelo punhal de um soldado, era da lempera forte, muito rara hoje, dos modestos, dos homens do dever, dos de poucas palavras e muitas acções.

Quando os tribunos do punhal e das mashorcas convulsionavam a Escola Militar, desvairando aquella mocidade e levando-a a tomar armas contra seus superiores, o espirito conservador do paiz, duvidoso da energia do sr. Prudente de Moraes, remansou-se ao lado do marechal Bittencourt, certo de que elle seria soldado ás direitas.

E foi elle que, surdo aos temores de uns e ás ameaças de outros, levou a termo a punição dos amotinadores que, no Congresso da Republica, tiveram defensores francos e entusiastas.

Foi elle, só elle, que arcou contra a miséria da jacobinagem e não permittiu se renovassem no Brasil as setembrizadas, que se tinham inaugurado com o assassinato de Gentil de Castro e o roubo na casa da familia deste.

Foi elle, o único, naquelle periodo negro, que se destacou da charra villanagem das auctoridades, que encobriram vilmente, com os mais miseraveis dos subterfugios,

por traças de inqueritos ignominiosos, os turvos crimes de 7 e 8 de março.

O marechal brasileiro, morrendo deante de seus commandados, cobrindo com o seu corpo o corpo do seu superior, o generalissimo das tropas, que é o presidente da Republica, segundo a consluição republicana, dá-nos a idéa dos paladinos das lendas allemãs, cuja personalidade, por voto espontaneo, se confundia na do chefe.

Era daquelles que juravam, como nos rimances de outr'ora, deixar a vida nas refregas onde seu chefe tombasse.

Por isso, quando os olhos se lhe sombrearam ao crepusculo da morte, um lampejo furtivo de alegria devera allumiar-lhe o rosto pallido, ao lembrar-se de que legava a seus camaradas, no ultimo transe, este admiravel exemplo de cumprimento do dever militar até ao sacrificio supremo.

E agora, quando, no caminho para a derradeira morada, rufarem os tambores

e soarem as notas Iristes das marchas fúnebres, ao espirito dos soldados silenciosos, de armas em funeral, acudirá a figura ensangüentada do marechal heroico, como appello fremente á honra e ao patriotismo, banidos pela Republica da terra da patria.



# **Dous de dezembro**

Anniversario natalicio de D. Pedro II

*2 de dezembro de 1897.*

O desgosto profundo que lhe abalou a alma, quando, ha oito annos, o expulsou do Brasil o motim dos quartéis; a aggravação consequente de sua saude de velho, gasta abnegadamente, durante mais de meio seculo, em serviços inolvidaveis á terra da patria; e, mais, a ingratição com que muitos retribuiram os beneficios de que seu coração fora sempre pródigo — tudo concorreu para apressar o fim da-quella vida por tantos titulos, preciosa.

Banido sem piedade, no declinio da existencia, do Imperio que sabiamente governara por tão longos annos, ao ponto

de elevar o paiz ao nivel do engrandecimento que o tornava respeitado por todas as nações; não tendo jamais consentido na menor affronta ao nosso brio, nem á nossa honra, e, ao contrario, procurando sempre impor o nome brasileiro á consideração do mundo civiisado de além oceano—banido, depois de desthronado, pela grandeza do seu coração, que não consentira se derramasse em sua defesa o sangue dos brasileiros; banido, sem a menor resistênciã, afim de que não affligisse a siluação da patria um periodo, então anormal, de guerra fraticida— elle, entretanto, exilado em terra extranha, não teve nunca uma palavra, um gesto sequer de maldição para aquelles que inauguravam na patria um regimen de revoluções, de morticinios, de descredito e de corrupção social.

Não; e se palavras lhe brotaram dos labios augustos em relação ao novo regimen de desgoverno republicano, essas foram apenas de lastima para os domi-

nadores, que mal entreviam no horizonte politico as tempestades que elles proprios preparavam.

Não; e se palavras leve o soberano quando a morte se acercou de seu leito, essas foram para pedir, aos amigos que o rodeavam, um punhado de terra brasileira para nella repousar sempiternamente.

Não fosse o levante militar de oito annos alraz, e hoje o Brasil inteiro festejaria o anniversario natalicio de D. Pedro II.

Ha nove annos, na data de hoje, milhares de galões e de passamanes de ouro reluzentes resplandeciam nos salões do paço da cidade.

No cortejo, curvavam-se muitas espinhas dorsaes dos mesmos que se emborcaram, mais tarde, nos salões do Itamaraty ou nos do palacete Friburgo. Pôde dizer-se até que as curvaturas nos cortejos da Republica são mais profundas, devido, naturalmente, á influencia que o esplendor dos salões do novo re-



gimen, opulentamente mobiliados, exerce nos espíritos facilmente arrasáveis pela grandeza e pelo luxo.

Uma diferença, porém, se deve nolar. Nos velhos salões pobres e quasi nus do paço imperial, palpilava a grandeza do passado. Os olhos, não lendo que occupar-se com a riqueza escandalosa e cantante que a democracia de agora esparramou nos solares presidenciaes, podiam contemplar o aspecto veneravel dos velhos guerreiros, que, como Osório e Caxias, só dobravam a espinha ao peso das glorias e cujas espadas tinham nas lâminas refulgentes, gravado em caracteres côm de praia, o lemma:—«Viva o Imperador!»

Esle lemma, repetido pelas boccas dos soldados em brados enhusiastieos, deu-nos as victorias de Humaylá, de Riachuelo, de Monte Caseros, de Tuyuty, Paysandú, Tonelero e tantas outras. A bandeira que então tremulava serenamente ás auras da victoria, nas ameias dos baluartes inimigos, foi arrancada do quartel general a

45 de Novembro de 1889. Ahi onde ella cahiu, cahiu limpa de morticínios sombrios e virgem das degollas cobardes.

Ella não presidiu á pavorosa hecatombe de brasileiros sem crime; ella não se repuxou de horror ao estripamento de pobres mães sertanejas; ella não teve volupias de Herodes no sacrificio millenario dos innocentes; ella foi a auriflamma que congregou os brasileiros nos dias de perigo, quando a honra e os brios da patria exigiam de seus filhos a desaffronta pelas armas; ella cobriu os brasileiros com a calentura de um manto materno e com a mageslade de um manto imperial.

Foi á sombra dessa bandeira que o verbo de José Bonifácio teve accentos de eloquência sublimada ; foi ella que Castro Alves cantou; foi por ella que morreu Willagran Cabrita; por ella pelejaram (Porto Alegre e Tamandaré; ella inspirou o alevanlado espirito de Bernardo de Vasconcellos, a energia de Feijó, o genio de

estadistas como Eusebio, Paraná, Rio Branco, Itaboray, Nabuco, Zacharias, Belisario e Cotegipe.

Afagados por essa bandeira, Alencar e Gonçalves Dias glorificaram as lettras, Laffayete, Teixeira de Freitas e Nabuco elevaram a nossa cultura juridica.

Foi á sombra dessa bandeira que o chefe dos jornalistas republicanos, Quintino Bocayuva, adestrou a penna.

Protegidas por ella, cresceram e prosperaram a nossa lavoura e a nossa industria; o nosso credito no estrangeiro chegou á posição do das maiores nações do mundo; o rio Amazonas se abriu ao commercio do globo; as estradas de ferro estenderam no nosso território suas fitas de aço ; fundaram-se escolas e academias.

Que nos deu até agora, em oito annos, a bandeira marca-cometa ?

A pobreza, o descredito, o odio e o lucto.

Consolemo-nos, porém, porque, cedo, dias felizes virão novamente, para tranquillidade da familia brasileira e grandeza da patria.

Então, poderemos levantar uma estatua ao saudoso Monarcha, para que o bronze corporifique numa praça publica aquelle que a saudade indelevelmente gravou no nosso coração.



**DOM PEDRO II**

5 de dezembro de 1897

O *Commercio de S. Paulo* consagra hoje sua primeira pagina a D. Pedro II, no sexto anniversario do seu passamento em terra de exilio.

Não é simplesmente como monarchistas, nem como brasileiros, que preslamos esta homenagem civica a quem, tendo governado este paiz, meio século, morreu limpo do sangue de seus concidadãos, immaculo da ganancia, do egoísmo interesseiro, da ambição de arranjar pecúlio para encarar desassombrado os diversos lances da vida.

O cidadão brasileiro cujo corpo embalsamado repousa no pantheon de São

Vicente de Fora, em Lisboa, foi neste fim de seculo cheio de luctas tremendas, de miserias revoltadas contra a escandalosa omnipotencia do milhar; neste fim de seculo cheio de fatalismo philosophico e de industrialismo polilico; neste fim de século em que o sentimento se maleria-Hsou num pouco de nervo e de massa encephalica, e a lagrima se transformou simplesmente no composto chimico de que fala Richepin; neste fim de seculo, em que o ideal foi banido dos templos litte-rarios como mentira, e a narração secca do crime, da infamia e da miseria substituiu as fórmãs obsoletas que a alma do artista engenhara; neste fim de seculo, cheio de hypocrisias rasteiras, de traições e de ignomínias á socapa — D. Pedro II foi a irradiação olympica das virtudes christãs, tão fugidias, tão longínquas agora, que as consideramos apenas como éco de antigas bailadas, como suave perfume de um passado distante, como a miragem fugaz, entrevista nos livros dos trovadores

de outr'ora, evocando-nos confusamente crenças ingênuas de povos infantes.

O exilio veio coroar aquelles cabellos brancos com o resplendor de bemaventurança que só a historia christã nos apresenta nos corações compassivos, nas almas soffredoras e mansas dos desprendidos da terra, dos pastores suaves, em cujos hombros vinham poisar confiadas as aves do céo e cujos dedos trêmulos debulhavam e distribuíam o grão para alimento dos famintos.

Banido da pátria, a figura de D. Pedro II alçou-se mais, fora dos limites, embora vastos, de nosso território nacional; subiu e pairou num ponto de onde a viam as nações da terra. Quando morreu o Imperador do Brasil, a imprensa do mundo inteiro lhe deu solemnissimo destaque, unanime consagração como grande vulto do seculo. Sahira dos quadros da historia nacional para ser collocado ao lado das grandes figuras humanas, entre os cooperadores do progresso collectivo do homem.



Só agora, depois de oito annos de Republica, poderemos verificar por experiencia até aonde chegavam os sentimentos da-quelle soberano, que conseguiu ser chefe do Estado, no exercido do poder supremo, num paiz da America do Sal, durante meio século, tendo como nota dominante de seu character esta virtude — a bondade.

As paixões que ululavam em todas as republicas da America hespanhola refluíam, embatendo-se com essa antemural que firmemente se levantara no Brasil conlra as furias e o delirio de sangue.

Emquanto dezenas de dictadores, de presidentes, mais ou menos despoticos, cahiam assassinados, desde o México até o Uruguay; emquanto as perseguições tremendas, os confiscos, as forcas e as degollas estuavam com as iras villãs na terra americana, o Brasil constituía uma extraordinaria excepção ao barbarismo.

O Brasil conseguira levar a termo, sem a mininma perturbação, a mais importante reforma- social economica — a do elemento

servil; os costumes do Imperio puderam evitar ainda, nos primeiros dias da republica, as bacchanaes de sangue, que depois, tmando tinha desaparecido a influencia benefica das virtudes de outr'ora, se tornaram a cauda de qualquer movimento politico.

Hoje, é *avis rarissima* o presidente que, exgottando o curto periodo de seu mandato, póde dizer com verdade não ter sido a causa do pranto de uma viuva ou da brphandade de uma criança!

Mas, não só na geração nova, na mocidade intelligente e livre, cujos sentimentos ainda puros se revoltam contra a viltá em que lombamos, como lambem em muitos dos collaboradores do levante de 15 de novembro, dos auctores do banimento do Excelso Monarcha, perdura agora a lembrança de D. Pedro como o pontifice de uma éra de ouro, dominada pelo seu espirito, glorificada pela sua gloria.

**ANDRÉ REBOUÇAS**

18 de maio de 1898.

Inserimos honlem, em phrase concisa e secca, a tristissima e subitanea nova da morte de André Rebouças.

O *Commercio de S. Paulo* rende a derradeira homenagem ao brasileiro que, num transe doloroso da vida nacional, personificou a gratidão e a lealdade do povo para com a Familia Imperial banida.

André Rebouças iniciou o curso de engenharia na Escola Militar, donde passou á Escola Central. Graduando-se nesta ultima, veiu a ser um dos mais notaveis lentes da Escola Polytechnica.

Entre os seus trabalhos de engenharia, figuram na primeira plana as *Docas Pedro II*.

Representou no Brasil figura salientissima na propaganda abolicionista, e tal

era seu ardor democratico, que todos o consideravam republicano.

Quando, porém, a traição do 15 de novembro fechou o cyclo da prosperidade do Brasil; quando os per juros do levante encerraram no *Alagoas* a Familia Imperial, obrigando-a a sahir barra á fora em noite tragica, André Rehouças, num rasgo de lealdade cavalheiresca, voou de Petropolis a encorporar-se á inclyta Familia martyrisada. Então, como sempre—apostolo da democracia — quiz, compartir o martyrio dos derradeiros representantes dos governos do Brasil livre.

Esse rasgo de dedicação partiu de um mestiço e de um homem do povo, que a Providencia incumbira de concretisar naquelle horrivel momento a dignidade e o coração da patria.

Foi com a roupa do corpo e sem recursos pecuniarios que aquelle grande coração se alliou á desdita do Imperador. Não foi nos dias de gloria e de triumpho, mas no momento em que o Imperador

era enxotado desta terra, que André Rebouças foi impetrar á magestade decahida o titulo de cortezão.

Felizmente, não só o coração, mas a vergonha do Brasil tiveram a prova sublime que se chamou André Rehouças.

Nas lendas allemãs, entre a vaga e mystica poesia dos sonhadores do norle, que plange ou delira nas sagas rhenanas, encontramos desses exemplos de devotamento absoluto, modeslo e simples, pelas pessoas dos chefes.

Não é mais bella a nobre e encanecida figura de Malesherbes, o patrono de Luiz XVI, guilholinado por ter sabido cumprir um dever.

Deus ha de ajudar-nos para que a virtude e o civismo de André Rebouças, este notavel brasileiro, desaparecido longe da patria, não fiquem, na nossa hisloria official e nos nossos compêndios de educação civica, cobertos miseravelmente pelos assassinos do estado de sitio e os verdugos da honra da patria.

Ha ainda nesta terra, que André Rebouças dignificou, quem dará a seus filhos, como cathecisrao de educação civica, o traço de historia patria onde esplende a figura cavalheiresca do inclyto engenheiro, pobre e livre, arrojando-se voluntariamente ao exilio, ao lado do ancião veneravel, do imperador-cidadão, que foi expulso de sua terra por uma infamia sem nome de alguns de seus contemporaneos.

A terra que ora se rasga para receber teu corpo, ó alma translucida de homem de bem, guarda ainda, nas praias extensas, os queixumes e as ameaças daquelle mar tormentoso, cujas ondas cantaram também a epopéa lusitana.

Foi nessa Madeira de Gonçalves Zarco e de Vaz, Teixeira que morreu André Rebouças.

Também elle foi poeta. Não cantou a fidelidade e a dedicação: praticou-as. Seus livros e seu poema foram seu coração e sua vida.

Agora, lá, nesse palmo de terra fechado pelas aguas do Atlantico, não irão mais ter as noticias das miserias de sua patria. Agora, somente, como nos tempos barbaros anteriores á descoberta, chegarão junto ao lumulo do Rebouças, levados pelas vagas, os restos das planlas da terra que amou, ou as aves marinhas. Estas, como elle, amam a liberdade do espaço infinito; eslas são também uma parte — e parle innocente — da *natura-mater*, cujos segredos o grande engenheiro quiz descobrir.

Deus lhe dá o allivio supremo de ter junto do tumulo um quer que seja da natureza brasileira, da sua fauna, da sua flora, dos seus mares, conservando longe, bem longe, os homens, cuja ingratição o feriu tão profundamente e cujos crimes lhes deshonraram a patria (\*).

(\*). Mais tarde, por iniciativa da Empreza Industrial de Melhoramentos do Brasil, os restos mortaes de André Rebouças foram trasladados para o Brasil e dados á sepultura, solememente, no cemitério de S. João Baptista, no Rio de Janeiro.



1498-1898

**4º Centenario da expedição de Gama ás indias**

*20 de maio de 1898*

Ha pouco, na escola de anthropologia de Paris, um professor de genio, F. Schra-der, ao inaugurar o curso de geographia anthropologica, encarou com admiravel alleza de vistas o problema da vida e da morte dos grupos humanos, protestando em nome da sciencia contra a theoria em voga de que ha povos irremediavelmente inferiores.

Este europeu notável affirmou:

« A Europa e sobrei udo o mundo anglo-saxonico, esquecem demasiado o que

foram ao lado do antigo Egypto, quando ora pretendem modelar o mundo inteiro á sua imagem e destruir tudo quanto não lhes serve, elevando seu egoísmo ou sua avidez á categoria de lei natural.»

Concluindo a profunda licção, dizia o mesmo professor:

« Quando julgamos ter perfeitamente supprimido uma parto da humanidade de que não podemos mais tirar proveito, e ter sellado sobre ella a pedra tumular em nome da sobrevivencia dos mais aptos — esta humanidade supprimida nos demonstra a seu modo a sobrevivência dos mais aptos, ella que fora formada pelo céo e pelo solo e que lançara raizes em condições que persistem. Também ella persiste e renasce independente de nós, impellida por esta força que domina todas as outras: a força das cousas.»

Estamos agora assistindo a alguma cousa de semelhante á resurreição de um grupo humano. Ha na península ibérica, quer do lado da Hespanha, quer de Portugal,

agora, nesle occaso de seculo, tamanha intensidade de sentimento, tanta vibratilidade de nervos, tão esplendida energia patriótica — que não podemos deixar de crer na resurreição da grandeza ibérica.

A todos, até bem pouco, a Hespanha e Portugal se afiguravam os dous cadaveres abraçados, de que falou Oliveira Martins. Oulros comparavam a Iberia áquella pungente figura do gladiador morrente, arrancada do marmore pelo buril divino de um artista anonymo para symbolisar a eterna e incessante victoria da morte sobre a bravura beroica, a inutilidade do esforço épico contra a bruteza do irreparavel.

Ha tres seculos que os dous povos peninsulares definham lentamente. É o largo movimento da decomposição geral da peninsula; é a melancolica historia, assegura Oliveira Marlins, que vem terminar nos episodios tragi-comicos do Portugal contemporaneo.

Mas essa longa decadencia se revela agora como um longo periodo de incubação de energias, um profundo retrahimento, com abstracção do mundo exterior; uma longa descida á fonte da energia primeira, á alma da raça e ao coração da pátria, onde as dores e as desgraças se confortam, a força se retempera para os novos prelios da grandeza e da gloria.

Por muito tempo, com effeito, a historia moderna de Portugal não desperta curiosidade, «senão para o estudo dos casos de pathologia collectiva».

Sobre as duas nações peninsulares pairava o silencio da indifferença. Sua vida voltada a ser a vida local, o ramerrão de cada dia.

Perdida a influencia sobre a politica da Europa, postas á margem como nações sem importância e sem valor, parecia que os dias das duas nações peninsulares estavam contados. As grandes potencias permittiam-nas vegetarem simplesmente para não perturbarem o equilibrio europeu.

A gloria e a grandeza da península se apagaram. Parecia até que, tendo cumprido seus destinos humanos, ellas se retiraram modestamente da scena, deixando cahir o panno sobre seu passado. Os grandes capitães, os inclytos infantés, as altas gerações, andavam deslembados daquelles proprios cuja grandeza fizeram. Mas eis que, neste ultimo lustro, por causas que não vêm a pêlo registrar, a Hespanha começa a occupar a attenção da Europa.

Portugal, que chegou um dia a ser um mero protegido da Inglaterra, resisle a esta potencia num rapido e subitaneo movimento de energia, como se viu no caso do *ultimatum*. A expansão lusitana em Africa renasce e renascem as façanhas dos heróes do periodo de ouro.

Falando do grande Albuquerque, disse um historador: « Alexandre resuscitou, Alexandre chamou-se portuguezmente Albuquerque. » Agora, parodiando estas palavras, podemos dizer que Albuquerque

resuscitou num de seus descendentes e chama-se modernamente Mousinho.

Por toda a parle, no solo iberico, ha um movimento profundo e subterraneo que se alastra, como nova corrente de vida.

A geologia ainda não poude conquistar por completo o segredo dos cataclysmos donde surge a terra aparelhada para reatar a vida, afeiçoada ás novas condições do meio.

Ninguém sabe o que surgirá da crise iberica, nem quando chegará ella ao seu ultimo termo. Sabe-se, nota-se, verifica-se que de Ires séculos a esta parte nunca se notou, quer na Hespanha, quer em Portugal, maior e mais inlenso fogo patriotico.

Por esta hora, em Lisboa, a multidão, palpitante de enthusiasmo, regorgita nas ruas e se atropella no cáes, ouvindo, emocionada a canção da maruja.

1498 se confunde com 1898.

Velha lenda monacal nos refere o milagre de que foi objecto um santo monge, castigado voluntariamente pelo cilicio, dominado pela regra, absorto sempre na contemplação mystica da vida futura.

Deus quiz dar-lhe a prova de que os séculos são minutos para os destinos do mundo e o poder do Creador. Então, enquanto o monge illuminado, em claro dia de sol, quedava-se em meditações sob as arcadas do claustro, embalado pelo canto de um passarinho escondido na fronde de uma arvore do pateo, os tempos passaram-se. Ao despertar do extase, ainda cantava na fronde o passarinho, mas os olhos do monge dilataram-se, assombrados, ao considerar as cousas que o cercavam. Tres seculos se tinham passado enquanto elle, com o espirito no Alto, meditava na bem aventurança, ouvindo o canto da avesinha,

A commemoração do quarto centenario das indias realiza na alma portugueza o



milagre que o Senhor quiz fazer com o seu servo, o monge eleito.

Revivem as caravellas, revivem os herões e os marujos, revivem as mesmas dores, a mesma anciã—mixto de ambição, de saudade e de esperança, com que o povo de 1497 assistia da praia á partida da expedição.

Nas ruas adejam flammulas com as cores da pátria; os bustos dos herões da epopéa lusitana ornam os coretos. A folhagem, da florescencia de maio, borda as sacadas de festões opulentos.

Nas aguas do Tejo içam-se as velas; o cordame, alcatroado de novo, corre e ringe; as enxarcias tesas firmam os mastaréos, e as popas das caravellas recurvam-se orgulhosas como collos de cysnes que retoçam.

As forjas fundem armaduras; limpam-se velhos morriões de batalha e lorigas e cotas de malhas.

As ascumas da peanagem aguçam-se para a lide no Oriente ou em Africa.

De cá de longe sorvemos os haustos desse entusiasmo generoso. Um que de fervor atavico nos constringe a garganta, de onde querem surgir, como outr'ora, os gritos de guerra. Forte commoção nos sopêa a voz e nos estuga o passo, que avança, como nas investidas de outr'ora.

Pela imaginação passam-nos as caravellas, os novellos de pó das pugnas, os rijos golpes, as scintillas das fulgidas espadas. Os cavalleiros do mar aprestam-se de novo, redivivos, para os altos feitos.

A fé é a mesma de outr'ora. O oceano, porém, já manso, de furias domadas aos rasgões das quilhas, estende-se propicio, formando apenas alvos collares de espuma para enfeilar as altivas proas.

A chronologia desaparece. E nesta commemoração nós associamos tanto os precursores como os continuadores de Gama e de Albuquerque. Nossos heróes, nossos proprios, iucluindo os que nasceram em Portugal mas se encorporaram á historia do Brasil, guerreiros e administradores,

marujos e diplomatas, litteratos e sabios, associam-se tambem á commemoração de hoje, que é a apothese de nossa raça.

O Portugal de agora, aquelle que é chamado o velho Portugal e se representa nas gravuras como um guerreiro de fartas barbas brancas, avultando no aço da armadura que lhe cobre o peito, ao sentir esse renascimento, terá por certo a palavra e o sentir de João Gomes da Silva, um dos do conselho de Estado que resolveu a jornada de Ceuta.

Conta-se que em Torres-Vedras, onde se reuniu, sob a presidência de D. João I, aquelle memoravel conselho, João Gomes da Silva, depois de ouvir a exposição do plano por D. João I, contemplou as cabeças brancas dos conselheiros, dobradas sobre os peitos, a meditem na gravidade do assumpto. Então, sahiu-se com esta:

Quanto eu, senhor, não sei ai que diga, senão: ruços, além !

Disse tal, como se dissera: Menos prudencia e mais coragem, ó velhos ! cabeças brancas, avante !

E as cabeças brancas, rejuvenescidas, douraram-se de gloria na primeira jornada d'Africa.

Os povos áricos tinham a religião da cidade, que era o culto dos fundadores da patria. Os gregos o celebravam no prytaneu, e os baixos relevos do Parthenon nos conservam ainda uma esplendida desfilada das festas panathenéas.

As antigas colonias, ainda quando emancipadas e independentes, celebravam também o culto do fundador; era de estylo viesse da metrópole o sacerdote que, entre as espiraes de incenso e entre flores olorosas, devia sacrificar o anho tenro ou o branco novilho aos manes dos heróes.

A commemoração do 4<sup>o</sup> centenario da viagem de Vasco da Gama é também para nós o culto da patria. Também nós sacrificamos aos manes dos heróes lusitanos; coroamos de louros suas estatuas

e recebemos e Iransmittimos alravez do Atlantico o fervor generoso que ora irrompe na metropole portugueza, também patria nossa, porque é a patria de nossos pães.



# **O Principe de Bismarck**

*2 de agosto de 1898.*

Dizem publicistas que o milagre da encarnação realisa-se em certos momentos capitães da vida das nacionalidades. Não só á religião, mas também á historia depara-se o mysterio de certas individualidades que concentram e exprimem a energia collectiva.

A alma nacional encarna-se nessas individualidades typicas, cujo cerebro funciona como o cerebro de um povo inteiro e cuja acção é a synthese da acção nacional.

Otto de Bismarck e a propria Allemanha autocrata e guerreira. Aquella estatura agigantada, que lembra a dos

companheiros de Arminio, parecia talhada para jungir num só laço os eslados independentes e parcellados da Allemanha medieva, tal como Hercules ou Anteu formando um feixe de todo um bosque.

Da physionomia do extraordinario estadista ressumbra a consciência plena da força que triumphá. Por todo o territorio da Allemanha e até em cidades como Franckfort, cuja independencia elle arrancou em proveito da Prussia, estão espalhadas estatuas do chanceller de ferro. Em todas essas estatuas vê-se logo não só o homem, como a idéa que delle faz o povo. Otto de Bismarck Schoenhausen, barão, conde, principe e Alteza por graça imperial, é representado geralmente de pé, apoiando fortemente no sócco as botas de bronze, com o busto erecto, o peito protrahido, o craneo nu coberto pelo celebre kepi do soldado prussiano e o olhar sahindo como que aos jactos das palpebras repuxadas de rugas, para dizer ao mundo : «É esta a patria allemã. Temera!»



Não ha, neste seculo, nome que, como este, chegasse aos confins da terra e se radicasse no espirito do povo como a mais completa expressão do Poder.

Quem escreve estas linhas viajava, não ha muito, pela Allemanha, bem depois que o principe de Bismark se recolheu ao retiro de Friederichsrue. Em Hannover, a graciosa capital do reino que Bismarck reduziu á provincia prussiana, despojando-o de seu rei e a este de seus bens, um joven estudante allemão, companheiro que o acaso banal me deparou, perguntou-me infantilmenle, ao saber de minha origem brasileira:

— É conhecido no Brasil o nome de Bismarck?

— Geralmente.

— E o de Wagner e o de Guilherme II?

— Também.

Depois de pequena pausa, tornou o interlocutor :

— Ah! mas o de Bismarck deve ser tão conhecido e afamado quanto o de

Napoleão. Não ha pequena aldeia nos mais remotos pontos do globo onde não se fale no nome de Bismarck.

E tinha razão o moço estudante. Em certo momento, quando Bismarck coroou a obra da unidade germanica, restaurando o antigo imperio e a Allemanha se constituiu a mais formidavel potencia da Europa, os jornaes illustrados de Vienna e de Paris compraziam-se em pinlal-o segurando com os dedos nodosos os fios que moviam a politica européa.

Então, Bismarck apparecia ao mundo inteiro como o maior dos potentados. Sua acção resenliu-se na Asia, na África, na America e na Oceania. Seu nome foi dado a porções vastas de território que sua nova politica colonial conquistara para o imperio. Seu filho, o conde Herbert, simples secretario de embaixada em Vienna, onde o embaixador allemão era um principe de casa real, era alli tratado com as deferencias reservadas sómente aos embaixadores.

Desde o anno de 1836, em que o futuro chanceller do imperio tomou assento na Dieta de Saxe, até 20 de março de 1890, em que se demittiu de todas as suas funcções no governo, a vida politica de Bismarck foi uma lucta constante e implacavel.

Durante esses quarenta e quatro annos, só as molestias o arredaram, por poucos dias, do terreno da acção.

Tinha apenas 34 annos—nascera em 4 de abril de 1815 — quando na Dieta de Saxe suas proposições arrojadas e por vezes paradoxaes attrahiram sobre elle a attenção. Mostrava-se então adversario rancoroso das grandes cidades, que considerava o foco da democracia e do constitucionalismo.

Dahi por deanle subiu sempre; foi successivamente embaixador da Prussia em Franckfort, em S. Petersburgo e em Paris, onde grangeou a amizade de Napoleão III, que deveria mais tarde ser seu prisioneiro de guerra em Sedan.

Desde os primeiros tempos, como ministro do rei Frederico Guilherme, até que conseguisse organizar a confederação da Allemanha do Norte, poderemos acompanhar a tensão de sua energia para realizar a unidade germanica, prussificando a Allemanha.

Os Estados que, como os reinos de Saxe, de Wurtemberg e da Baviera, poderiam crear empecilhos á omnipotencia da Prussia no meio da Allemanha, foram por elle domados com armas na mão.

A Austria foi repellida da confederação do Sul e esmagada a 3 de julho de 1866 na grande batalha de Sadowa. Anles dessa epoca, uma brochura attribuida a Bismarck—«*A Prussia e a questão italiana*»—fizera enorme ruido, pois ahi se viam claramente as idéas propugnadas por elle de uma alliança com a Italia para fazer a Austria temer pelas fronteiras do Sul.

Mas, a Austria foi vencida, foi conquistado o Sleswig Holstein e a Prussia

que, pelos olhos de Bismarck, espiava a Alsacia Lorena, soube habilmente arrastar os francezes á loucura de 1870, com a aggravante de partir da França a provocação de guerra.

Enlão, a obra de Bismarck poude consumir-se e Guilherme, rei da Prussia, poude ser coroado em Versalhes, a 18 de janeiro de 1871, imperador da Allemanha.

Em todas as circumstancias de sua vida, nota-se a mesma consciencia da força, o mesmo orgulho, e, por vezes, até a arrogancia. Mas tal energia foi temperada em luctas desapiedadas atravez de perigos.

Quando, a 8 de maio de 1866, Blind descarregou contra o poderoso minislro quatro tiros de pislola, Bismarck, ferido, subjugou o aggressor e o entregou aos tribunaes.

Seu trabalho incessante teve como escopo immediato o fortalecimento da auctoridade e do poder do rei, condição indispensavel á unidade e á grandeza militar da Allemanha.

Foi assim que impugnou as immuniidades parlamentares, negou aos deputados a plena liberdade da palavra, expulsou da Allemanha os jesuitas, castigou bispos e mostrou-se franco adversario da Igreja Catholica.

Mais tarde, porém, já no tempo do pontificado de Leão XIII, reconciliou-se com o Vaticano e restabeleceu a embaixada que tinha supprimido. Esta reconciliação foi sincera, tanto que, quando se levantou entre a Hespanha e a Allemanha o conflicto das ilhas Carolinas, foi por proposla de Bismarck que a questão se submetteu ao juizo arbitral de Leão XIII.

A omnipotencia do chanceller de ferro na Allemanha chegou a influir no proprio dominio intimo da familia imperial.

Bismarck separou dous corações que uma paixão romanesca e reciproca approximára.

No curto reinado de Frederico III, o bom e piedoso Frederico, Alexandre de Battenberg, então principe reinante da

Bulgaria, pediu e obteve a mão da princeza Victoria, filha do imperador e irman do actual Guilherme II.

Bismarck não consenüu no casamento e teve para isso de romper com a imperatriz. Elle allegava fortes razões de Estado e sobretudo o desgosto com que a corle da Russia veria um inimigo pessoal do czar, como era Alexandre de Baltenberg, desposar a filha do Imperador da Allemanha.

E, ainda neste ponto, mais uma vez triumphou o chancellor.

Depois de seu rompimento com Guilherme II e de sua retirada, que o Imperador declarou ser esponlanea e o chancellor teimava em affirmar que lhe fora imposta pela vontade imperial, Bismarck não se entregou de todo ao silencio e ao socego.

Mais de um jornal da Allemanha, e sobretudo a *Gazeta de Hamburgo*, recebiam inspirações do velho estadista. Emquanto não houve a reconciliação com o

Imperador, emquanto este não foi em pessoa a Friederichsruhe, Bismarck não deixou a actividade politica : fazia constantes viagens, conferencias, discursos de critica acerba, dava entrevistas a jornalistas e a politicos estrangeiros, etc.

Mas a reconciliação se fez; e o principe de Bismarck, também duque de Lauenburg, continuou a receber do Imperador manifestações como a que lhe foi dirigida por occasião do anniversario natalicio, de Kiel, aonde o imperador fora assistir a inauguração do canal.

Agora, a Allemanha inteira vae prestar a derradeira homenagem ao fundador do Imperio, ao cérebro que engenhou e ao pulso que argamassou a unidade da patria.

Friederichsruhe, a residência de Bismarck, onde a esta hora repousa seu cadaver ainda insepulto, foi nestes ultimos tempos um ponto de peregrinação para os soberanos e vultos eminentes da politica estrangeira, em viagem pela



Europa. Lá foi Li-Hung-Chang, o chanceller da China ; Já foi, ha pouco, o rei de Sião, com todo o sequito.

Na estructura moral do velho estadista, a qualidade em destaque é a energia. Por isso mesmo, elle a levou á crueldade na dramatica entrevista de Fresnois com o desventurado Napoleão III, feito prisioneiro de guerra, martyrisado barbaramente pela molestia que o matou pouco tempo depois: elle foi também cruel e implacavel deante de Paris estortegada pela fome, na não menos celebre entrevista com Julho Favre, em Ferrières; elle deixou que morresse no exilio, cego, pobre, triste e desventurado como um rei Lear, o infeliz rei do Hannover.

Por isso, deante da campa do chanceller de ferro, não se reunirão os humildes e os pobrezinhos, que, ainda ha pouco, no doce e poetico retiro de Hawarden, choravam a morte de Gladstone.

Este foi inglez, mas também campeão da humanidade que soffre em todos os recanlos da terra.

Bismarck foi, acima de tudo, allemão e só foi homem para ser allemão.

Sua figura entrará para a historia do homem como entrou para a historia da arte a cathedral da Colonia, que, immutavel e eterna á beira do Rheno, enterra suas agulhas no azul, sem se desfazer nelle.

Elle restará entre os maiores e os mais gloriosos monumentos nacionaes. Para a arte, para a poesia, para a historia da Allemanha, elle será um dos fundadores da patria. O nome de Bismarck será uma canção guerreira e patriótica como a canção de Becker.

Por toda a parle do globo onde o commercio allemão levou seu productos, onde os allemães trabalham pensando na patria, o crepe fluctúa no tope das bandeiras pela morte do grande homem. Nessa expansão

commercial, nessa pujança militar e politica, os allemães vêem com razão um pouco do sangue, um hausto da vida de Bismarck.

Mas, com a morte do velho estadista, parece que lombra a ponte levadiça de um casello soberbo, orgulhoso e hostile, para dar passagem aos espíritos modernos, eclecticos, cosmopolitas, apaixonados também — porque não ? — pelo antigo ideal da justiça e do direito.

Não é real que os velhos castellos, hoje inoffensivos, se prestam melhor á ebriez do sonho e ás doçuras do idyllio?



# **A Imperatriz da Austria**

*12 de setembro 1898.*

Acaba de ser arrancada ao mundo, do modo mais trágico, essa nobre figura, duplamente sympathica pela grandeza e o infortunio. A princeza Elisabeth de Baviera, imperatriz da Áustria, duqueza da Baviera, rainha da Hungria e de Jerusalém, pertence a uma familia sobre a qual a fatalidade pesa, não tanto como expiação, mas como compensação da Providencia pelas grandes e excelsas qualidades com que dotou a cada um dos membros daquella dynastia.

Imaginamos como deve ter sido fulminante na Europa a noticia dessa morte

tragica. Não ha muito, a duqueza de Alençon, irmã da imperatriz, da Austria, pereceu victima do incendio do Bazar de Caridade, em Paris.

O imperador Francisco José é, sem duvida, o mais admiravel typo de soberano de todas as cabeças coroadas da Europa.

Nenhum, como elle, supportou com tanta magestosa nobreza os infortunios. Seu irmão, o desditoso imperador do México, Maximiliano, foi fuzilado em Queretaro, por não querer fugir, apesar de todas as instâncias e facilidades do inimigo, e preferir morrer como gentil-homem, como heróe.

Dos outros membros da familia imperial, um desapareceu mysteriosamente a bordo de um navio, de que não ha noticias; outro morreu num desastre: outro, finalmente, o nobre archiduque Rodolpho, o kronprinz, herdeiro do throno, morreu tragica e romanescamente.

Era este o filho dilecto da imperatriz Elisabeth. Sua morte encheu de lucto perenne o rosto e o pensamento da excelsa senhora. Depois desta catastrophe, nunca mais a imperatriz áppareceu nos salões, nos palacios, nas recepções officiaes, nem nos theatros.

Fugia aos olhos de todos e ia abrigar-se na ilha do Corfú, cercada pelas ondas do mar Jonio, que as triremes hellenicás encheram outr'ora de cantos de sereia e de poesia.

Ahi, no alto de um monte em cujos pés milhares de roseiras abriam-se ao orvalho dulcissimo de céo azul que Eschylo e Sophocles decantaram, a imperatriz foi buscar um abrigo para a sua dôr. Entretanto, os sentimentos delicados de mulher eminente não se atrophiaram com esse exilio voluntario do mundo.

O culto da arte, o exercido da caridade eram as expansões intimas daquella alma acrysolada na desventura. Quem passa junto das costas de Corfú, verá a

alguns mil pés acima do nível do mar, tendo por sôcco immenso um roseiral florido, a estatua de marmore de um que foi artista e foi martyr: Heinrich Heine.

Ninguém, mais do que esse poela divino, soube ser lyrico; ninguém soffreu com mais intensidade; nenhum outro soube melhor sentir e dizer.

Por isso, a imperatriz Elisabeth prestava culto ao grande poela, em cujas paginas podia ella reler as próprias torturas.

O estylete de um anarchisla rematou a coroa da imperatriz—rainha e martyr.

Agora, entrará ella, como a rainha Branca, para as bailadas dos trovadores e para o altar das santas.

Elisabeth Amélia Eugenia, duqueza da Baviera, nasceu em Munich a 24 de dezembro de 1837, e casou-se em Vienna, a 24 de abril de 1854, com Francisco José I, imperador da Austria e rei da Hungria.



Pertencente, por um lado, á casa ducal, por outro, á casa real da Baviera, foram seus pães o duque Maximiliano e a duqueza Luiza, princeza da Baviera.

Do seu consorcio com o imperador Francisco José, teve tres filhos: a archiduqueza Gisela Luiza Maria, nascida em Laxemburg em 1856, e casada, em 20 de abril de 1875, com Leopoldo, principe da Raviera; o archiduque Rodolpho, principe imperial, nascido em 24 de acosto de 1858 e morto tragicamente a 50 de janeiro de 1889; a archiduqueza Maria Valeria Mathilde Amelia, nascida em Ofen, a 22 de abril de 1868 e casada em Ischl, a 31 de julho de 1890, com Francisco Salvador, archiduque d'Austria.

Era protectora suprema da Cruz Estrellada, dama honorária da ordem bavara de Thereza, proprietaria de muitos regimentos allemães, russos, etc.

Foi, em seu tempo, uma das mais formosas, sinão a mais formosa princeza da Europa.

# GENERAL COUTO DE MAGALHÃES

■--TONIOLIV' 2007--

*15 de setembro 1898.*

Recebemos, inopinadamente, a triste nova da morte desse brasileiro illustre, desse correligionario eslrenuo na defesa de suas idéas, que foi o general José Vieira Couto de Magalhães.

Ha poucos dias ainda, esse espirito, sempre preocupado com as cousas brasileiras, trabalhava no Rio de Janeiro em prol dos interesses nacionaes na questão do Amapá. O *Jornal do Commercio* trouxe um magistral artigo, em que, a par de vasta erudição, se reconhecia o tino do geographo e o carinho do brasileiro sobre todos amigo de sua terra.

O general Couto de Magalhães nasceu na cidade de Diamantina, Estado de Minas-Geraes.

Na capital do antigo Districto Diamantino, no velho e encantado Tijuco, da Demarcação, que as lendas dos garimpeiros e a pompa dos «contractadores» immortalisaram, a familia Vieira Couto representa uma gloriosa tradição de soffrimentos pela patria e de civismo provado nas mais duras circumstancias.

No reinado de D. José I, de Portugal, Vieira Couto, um dos ascendentes dessa illustre familia, foi accusado perante o marquez de Pombal de alimentar idéas de independencia do Brasil.

Mais tarde, um descendente deste, o doutor José Vieira Couto, publicou para o principe regente, depois Dom Pedro I, a excellente monographia sobre Minas, que traz a data de 1799.

O general Couto de Magalhães trazia no sangue essa dedicação indefessa pelas

cousas patrias que o distinguiu sobremodo entre seus concidadãos.

Formado em direito pela Faculdade de São Paulo, o governo imperial do Brasil, distinguiu o seu talento e reconheceu suas aptidões nomeando-o successivamente presidente do Pará e do Matto Grosso.

Foi durante sua presidencia no Matto Grosso que se deu a invasão paraguaya, o primeiro movimento do inimigo ao romper as hostilidades.

Pois bem. Esse presidente civil, esse homem de sciencia, revelou nessa circumstancia difficil o tino de um general.

Organisou a resistência contra o estrangeiro invasor e soube prestar serviços de tal modo relevantes, que o governo imperial os recompensou dando ao presidente do Matto Grosso a patente de brigadeiro honorario do exercito nacional, no tempo em que não havia generalatos de papelão.

E não foram somente estes os assinalados serviços que prestou á patria o general Couto de Magalhães.

Estudou com afinco a lingua e a ethnologia do selvagem, estudou os costumes brasileiros, compendiou lendas indigenas, colleccionou trovas populares, auscullou a alma do povo brasileiro, vivendo no meio d'elle, dormindo em suas choças varridas pelos ventos dos escampados, compartindo a pobre pitança dos homens do deserto, O *Selvagem*, livro que o general Couto nos legou a respeito dos nossos indigenas, e uma prova do que acima dissemos.

Ahi nós encontramos vertidas para o portuguez muitas das lendas indigenas, assim como enconramos, trasladados para o indigena, actos publicos e documentos officiaes do Brasil.

O general Couto desceu o Tocantins até á sua foz, e nessa viagem, além das importantes observações que colheu, começou a amadurecer o projecto da navegação do Araguaya e Tocantins, a cuja realisação havia de dedicar-se depois.

Como presidente do Pará, o general Couto continuou a prestar a seu paiz,

serviços eguaes aos que deviam notabilisar mais tarde o presidente do Matto Grosso.

O notavel naturalista americano Agassis teve occasião de tratar com o nosso illustre patricio e nas obras daquelle encontra-se uma correspondência trocada entre o sabio americano e o presidente brasileiro, em quem Agassis reconheceu superior capacidade.

Esse amor pelas lendas è as cousas de sua lerra, o general Couto revelou desde cedo. Nas columnas do *Commercio de S. Paulo* foi publicado um romance da lavra do eminente brasileiro, escripto em 1859, por elle mesmo qualificado como conto histórico sobre a fundação de São Paulo — *Os Guayanás*.

Além da aptidão scienüfica, de que deu sobejas provas no dominio da linguistica, da etimologia, da botânica, o general Couto demonstrou grande tino e coragem para os empreendimentos industriaes.

Afora a navegação do Araguaya, para a qual elle tanto trabalhou, embora não

visse taes esforços coroados de victoria, temos a Estrada de Ferro Minas e Rio, cuja concessão foi por elle obtida, e cujos capitães, graças á sua iniciativa, foram incorporados em Londres por uma companhia ingleza, que ficou senhora da concessão.

Tendo transferido sua residência para S. Paulo, o general Couto cercou-se aqui do respeito e do acatamento que inspiravam a todos suas qualidades eminentes.

Quando subiu a situação liberal com o ministerio Ouro-Preto, em 7 de junho de 1889, foi o general Couto o escolhido para desempenhar o importantíssimo cargo de presidente de São Paulo. Neste posto, o encontrou a Republica.

Todos se lembram ainda daquelle dia em que o notavel servidor da monarchia desceu as escadas do palacio no meio de alas de povo, cheio de religioso respeito para o ultimo representante de S. M. o Imperador do Brasil na presidência de S. Paulo.



Nesta circumstancia difficil, o general Couto portou-se com a correcção de um homem de brio e de um brasileiro conscioente dos deveres de patriota.

D'ahi para cá o ex-presidente de São Paulo manteve-se fiel ás crenças monarchicas, a cuja propaganda prestou sempre grandes e valiosos serviços.

Membro que fora do antigo partido liberal, amigo dedicado e affectuoso do glorioso estadista visconde de Ouro-Preto, as amarguras do exilio e as perseguições do republicanismo tresvariado não fizeram senão solidificar essa intimidade de corações e de crenças.

No periodo negro da dictadura sanguinaria, o velho servidor da patria, apesar de alquebrado, quasi invalido, não foi poupado pela policia secreta: o general Couto figurou também entre os presos, ou melhor, entre as victimas da sanha jacobina.

Pouco antes desse tempo, accommettera-o grave enfermidade, que lhe affectou

o cerebro. Então, foi procurar allivio á Europa, onde já estivera dantes e dahi passou á Algeria, a que era particularmente affeïçoado. De lá voltou, felizmente, restabelecido.

Como todos os homens superiores, o general Couto era um tanto excentrico. Apesar de possuir fortuna avultada, vivia com extrema simplicidade e amava apaixonadamente a vida rustica. Sentia-se bem, quando, ao lado dos caipiras, vagava descalço pelos campos, embrenhava-se nas mattas, ou passava horas pescando á beira dos rios.

Enlre os homens rudes do sertão, recostado á rede, ouvindo os descanles á viola, ninguém o distinguiria, nem pelo traje, nem pelo modo, dos demais sertanejos.

Quando, porém, se encetava a conversação sobre um ponto de sciencia, de politica, ou de historia, transfigurava-se o sertanejo e apparecia o homem supe-

rior, o sabio arguto, o polygrapho eminente, o patriota de rara dedicação.

Transcrevemos as seguintes notas biographicas, do notavel brasileiro:

«José Vieira Couto de Magalhães nasceu na cidade mineira de Diamantina, a 11 de novembro de 1837, tendo por pães o capitão Antonio Carlos de Magalhães e d. Thereza do Prado Vieira Couto.

Entre os seus ascendentes directos, conta o mestre de campo Thomé Antunes que viera em commissão militar a S. Paulo, onde constituiu a familia illustre, entre cujos membros figura o naturalista José Vieira Couto, que escreveu uma erudita monographia sobre Minas, além do ousado navegador Magalhães que tem o seu nome ligado a um estreito americano.

Vindo para S. Paulo, Couto de Magalhães cursou com obstinção a Academia,

doutorando-se em 1860, em borla e capello.

Durante o curso academico, dedicou-se ás lettras, merecendo-lhe especial preferencia o estudo de cousas brasileiras.

Nesse sentido publicou, com pequeno intervallo, o *Destino das lettras no Brasil*, *Traços biographicos sobre os poetas academicos*, *O estudante e os monges*, e o romance historico *Os Guayanás*.

Apenas formado, em 1860, foi nomeado secretario da província de Minas, como auxiliar do dr. Pires da Motta, e as qualidades que revelou nesse cargo fizeram com que, muito moço ainda, fosse nomeado presidente de Goyaz de 1862 a 63, e do Pará de 1864 a 65, tendo sido, no intervallo entre uma e outra presidência, nomeado presidente de Minas, sem que comtudo tomasse logar.

Em 1865, quando os paraguayos invadiam o territorio de Matto-Grosso, o governo resolveu aproveitar a energia admi-

nistrativa do dr. Couto de Magalhães, nomeando-o presidente daquela provincia com poderes especiaes de general-chefe e presidente da junta suprema militar de justiça. Com sua actividade e energia o novo presidente repelliu inimigo, luctando com a fome, a peste, e toda a sorte de difficuldades, e retirou-se em 1867, deixando a provincia em boas condições.

Teve ainda duas deputações por Goyaz e Matto-rosso, até 1870, epoca em que desviou a sua energia e actividade para empreendimentos industriaes.

Nesse genero dedicou-se á navegação dos rios Araguaya, Marajó e Tocantins, e á construcção da estrada de ferro *Minas and Rio Railway*, que tantos benefícios presta ao sul de Minas.

Foi sócio fundador e presidente effectivo da Soeiedade de Immigração de São Paulo, concorreu com um plano sábio de estudos para o Instituto commemorativo do Ypiranga.

Como homem de sciencia, a obra mais notavel do general Couto de Magalhães, é o *Selvagem*, que conta traducções em diversas linguas européas, e o tornou conhecido e respeitado no estrangeiro, principalmente pelos sábios que se dedicam a estudos ethnographicos.

Todos estão ainda lembrados do que foi o general Couto de Magalhães quando presidente de S. Paulo, e da nobre altitude que assumiu ao descer do poder pela proclamação da Republica.

Por occasião da revolta o general Couto, que conservava firmes as suas crenças monarchicas, mas que nenhuma intervenção tomava na politica, soffreu perseguições ás quaes não pode resistir o seu organismo já cançado, depauperado por uma vida cheia de luctas.

Voltando da Europa, onde foi procurar allivio ás suas enfermidades, o general fixou-se de novo em S. Paulo, tomando parte na directoria de diversos bancos, e occupando-se, até nos ultimos

dias, apesar da prohibição peremptoria dos medicos, no estudo de assumptos brasileiros que foram a nobre preocupação de toda a sua vida.

O general Couto de Magalhães pertence hoje á historia de nossa patria, que elle amou até os seus últimos momentos, e á qual dedicou todas as energias do seu talento e de seu espirito tenaz.

A sua existencia, que vimos de esboçar ligeiramente, é, pois, um bello exemplo de amor á sciencia, de perseverança no trabalho e de nobreza e de civismo ; exemplo que cada vez mais raro se torna neste descabro geral das consciências, nesta perigosa desintegração moral, nesta bancarrota dos caracteres, que constituem a nota caracteristica do Brasil contemporaneo.»

1894-1898



*15 de novembro de 1898.*

Poderíamos, ao iniciar esta desapassionada apreciação sobre o periodo presidencial que expira hoje, relembrar aquelle celebre artigo do sr. Quintino Bocayuva pela queda de um dos ministerios do sr. de Cotegipe — «Mais um esquife que passa». Quem desce hoje do poder é mais uma victima da Republica.

Ha qualro annos o sr. Prudente de Moraes enrava no palacio presidencial quasi humildemente, recebido como hospede importuno pelos *maires du palais*, que não podiam perdoar áquelle homem de casaca e de cara tristonha e grave,

o ter sido obstaculo á perpetuidade da dictadura militar do marechal Floriano. Este deu provas publicas de desagrado contra aquelle, eme chegaram a considerar verdadeiro intruso. O sr. Prudenie não gozou da graça da presença do dictador, que se recusou a receber-o. Talvez por isso, poucos, muito poucos, tiveram coragem de dar as boas vindas ao novo presidente, transformado em nova espécie de carneiro prelo, do qual os outros carneiros fugiam amedrontados, mas que os lobos queriam devorar.

O palacio ítamaraty tressuava o cheiro acre dos quartéis; por toda a parle espadas que se arrastavam, carabinas cujas coronhas batiam ameaçadoramente no solho, soldados dormindo aqui e acolá espichados nos bancos, marmitas pelos cantos, toques andados de clarim.

O pobre presidente paizano era como uma sombra errante, para a qual os que tinham respeito fingiam, por medo, indiferença: os demais, os que envergavam farda,

se o não encaravam com hostilidade, viam-no, ao menos, com manifesto pouco caso.

Era um torvo periodo aquelle, dominado completamente pelo que Whichcote chamou a demagogia das paixões ou a anarchia das ambições.

O manifesto inaugural do novo presidente revelava bem, não só o estado apprehensivo de seu espirito, como o estado das cousas em geral.

Foi uma peça fria, banal, em que o sr. Prudente tomava como modelo o presidente anterior, cuja rota prometia seguir. É justo, porém, acrescentar que naquella epoca S. Exc. não se sentia cozn forças para agir de outro modo.

Logo depois, na celebre cerimonia de collação de grau na Escola Superior de Guerra, S. Exc. tinha de ouvir calado o inconvenientíssimo discurso do capitão Gomes de Castro, que o intimava ameaçadoramente, póde dizer-se, a não sahir uma linha das normas de seu antecessor, o marechal de ferro.

As cousas continuaram neste teor. O paiz estava inteiramente dominado pelo espirito jacobino e pela facção jacobina do Club Militar. O Brasil estava peor do que militarizado, porque o militarismo ao menos envolve ordem, unidade e disciplina: o paiz eslava *apatriotado*, isto é, sujeito aos bandos que se formaram, fardaram-se e se indinheiraram durante a revolta, habituados a requisitarem banquetes nos corpos de guarda, na estação da Central, no proprio saguão do palacio, e mandarem as contas para o Thesouro.

Colton disse que de todos os governos o da população é o mais sanguinário e o dos soldados o mais dispendioso: pois nós tinhamos, ao mesmo tempo, governo da população e governo de soldados, ou alguma cousa peor do que qualquer delles e vem a ser os dous fundidos nesle — o governo da população fardada, isto é, o governo dos «patriotas».

Assim entrou o anno de 1895. Logo, na reunião do Congresso, tivemos as dis-

cussões acerbas da amnistia e da paz do Rio Grande. A proposito de uma e outra, faziam-se motins nas ruas do Rio e no recinto do Congresso. Nesse mesmo anno, a Escola Militar insurgiu-se pela primeira vez. O cambio descia, aggravava-se a situação financeira. O governo nada fazia, e o sr. Prudente, cada vez mais sombrio e mais tristonho, só poudé agir na questão do Rio Grande. Assim mesmo, dizem todos que a paz só se fez por iniciativa do vicepresidente, sr. Manoel Viclorino, de quem o general Galvão era amigo de confiança.

Apesar da paz do Rio Grande, continuou a governar o paiz a mesma demagogia das paixões, em fórmula, já não mais de repressão, mas de odio e de vingança contra a Revolta e os revoltosos. A situação destes era comparavel á dos negros no período que se seguiu á victoria dos Estados do Norte na grande guerra de Secessão. O presidente, porém, se bem que ás mais das vezes em lucta surda

com o Congresso, não pôde romper contra este, como fez Andrew Johnson, successor de Lincoln.

Sabe-se que, ainda no dia 14 de novembro de 1894, o marechal Floriano), fazia o que em gyria politica se designava outr'ora por «testamento», assignando contractos onerosos de conslruccões de vasos de guerra, de compra de armamento e a nomeação de 1.800 alteres extranumerarios, deixando, omflm, a seu successor a terrivel obrigação de pagar tudo isso sem ter dinheiro.

O governo do sr. Prudente recebeu essa herança terrivel e nada fez para remediar a situação financeira. Salteado diariamente por boatos de conspirações contra sua pessoa e seu governo, a situação do sr. Prudente era quasi a de um prisioneiro.

Minado pela moleslia, que mais tarde devia afastal-o por. algum tempo do governo, S. Exc. não fazia outra cousa senão esperar, esperar do acaso, ou melhor, da

Providencia, uma luz ou um golpe que aclarasse os tempos e as cousas.

Seu governo era quasi exclusivamente, um governo de expediente. Em pouco tempo foi esquecido, por causa da inercia do procedimento ulterior, o unico acto politico importante praticado pelo governo: a pacificação do Rio Grande. A noite foi descendo manso e manso sobre a cabeça do presidente, que por pouco não desaparece de todo, occulto no alto da ladeira do Ascurra, de onde mandou ao sr. Manoel Victorino, em principio de novembro de 1896, o oíficio de transmissão do poder.

Então, subiu o vice-presidente, que escancarou todas as janellas do novo palacio ao ruido exterior, á luz e ás festas. O silencio anterior contrastava com o guizalhar dos programmas novos, das equipagens novas, dos sotas, dos porteiros de de maça, dos dourados e das sedas dos moveis escolhidos a dedo pelo dr. Aarão Reis, o estofador da Republica, que teve

a idéa genial de pôr quatro eslafermos de pedra na platibanda de um palacio florentino e de deixar na ante-sala desse mesmo palacio, como symbolo de nossa nacionalidade, um bugio embalsamado.

Para salvar a Republica, que agonisava com a pharmacopéa allopathica, appellou-se para a habilidade homoeopalhica do sr. Murtinho, que, como governo, tem a franqueza de fazer opposição a si mesmo.

Como medida financeira salvadora, apresentou-se o arrendamento das estradas de ferro. Parte do dinheiro assim obtido, devia ser applicada ao resgate do papel moeda, que sendo menos de 200 mil contos no ultimo dia do Imperio, foi elevado ao quadruplo em menos de cinco annos de Republica.

O sr. Prudente atufára-se de todo na sombra, enquanto o presidente-sol, deslumbrava ao burguez com o luxo de seus programmas sonoros e o estrupido alacre de sua parelha Orloff.

Foi então — como se diria numa lenda infantil — que num miseravel logarejo



dos sertões do norte, appareceu um velhinho, muito magro e muito triste, de barbas compridas, de comprido bordão e de longa tunica azulada. Esse velhinho, como no verso de Gonçalves Crespo,

... Chamara a si, com falas de esperanças,

Os simples, o amigo e as timidas creanças...

Ninguém se importava com elle, o governo não lhe deu attenção e elle foi, como o João-de-Barro, construindo devagar a solida casinha para abrigal-o dos aguaceiros e das ventanias. Nessa casinha feita de barro e de folhas de coqueiro, elle deu gasalhado á sua grei, e postou-se na porta, muito calmo e de bico afiado, para defendel-a contra os botes do gavião. Gavião foi este que levou uma tunda e voou para traz,.

O major Febrônio, em celebre artigo manifesto, explicou ao paiz, em linguagem bastante arrevezada, a verdade de Canudos e de Antonio Conselheiro.

O sr. Manoel Viclorino preparou uma forte expedição de 1.500 homens e con-

fiou-lhe o commando ao coronel Moreira César:

Emquanto isto se passava, nem o sr. Victorino, nem mais ninguém cogitava na volta do sr. Prudente, que, no cocoruto da Serra do Mar, no alpestre e encantador asylo de Therezopolis, refazia-se pbyrica e moralmente para as luctas crueis do anno de 97, que foi o anno terrivel do seu governo.

O vice-presidente, de todo entregue aos esplendores da posição suprema, pairava no alto, enovelado no incenso dos thuriferarios. dedicára-se, de corpo e alma. ao partido que vociferou contra elle crueis injurias por motivo da pacificação do Rio Grande.

Entre suas medidas financeiras, figurava a liquidação de contas com o Banco da Republica, pretexto para o Thesouro da União receber, por avulladas sommas. proprios pertencenles a companhias mais ou menos arrebentadas.

Subito, no melhor da festa, surge no Rio o esquecido de Therezopolis, que reassume o poder mediante simples communicacão. Teria lido o sr. Prudente alguma denuncia do que se tramava uni golpe de mão para impossibilitar s. exc, de tomar conta do seu logar ? É possivel.

A facção jacobina estrebucbou de raiva ao vêr o sr. Prudente de novo no governo. Além de alguns jornaes, o próprio sr. Murtinbo fez sentir pessoalmente ao presidente a extranheza do modo pelo qual reassumia o governo. Então, o sr. Prudente fez a mesma cousa que já tizera em 1894, isto é, prometteu adoptar o programma do sr. Manoel Victorino e conservou os ministros deste.

Mal tinha o sr. Prudente aberto no palacio de Friburgo suas malas de viagem, quando rebenta no Rio a bomba da derrota de Moreira César e de sua morte em Canudos.

A mashorca apossou-se da capital da Republica, que esteve tres dias sem go-

verno, entregue ao saque e aos motins, no meio das scenas mais cobardes e mais cruéis de assassinatos e empastelamentos. Figurões politicos estimulavam nas ruas a choldra amotinada e a imprensa endeosava infamemente os assassinos e empasteladores, dizendo que aquillo tudo era justo sentimento de tristeza e de indignação do povo pelo desastre que enluctava a Republica.

A maior parte dos chefes dos partidos dominantes, ou melhor, os chefes jacobinos, diziam que a revolta dos serlões da Bahia era um movimento monarchista; que o sr. Prudente atraioára o exercito mandando-o para os sertões do norte. Era esta a linguagem corrente.

Aqui repercutiu de maneira horrivel a mashorca do Rio. *O Commereio de São Paulo* foi empastelado deante dos olhos do então presidente do Estado, o sr. Campos. Salles, ás barbas da policia, no meio de vivas dos officiaes da força publica, que correspondiam enthusiaslica-

mente aos vivos e animavam, até por palavras, a destruição das officinas de uma casa de trabalho.

Gentil de Castro fora assassinado no Rio, sua casa saqueada, roubados titulos, joias, dinheiro — tudo em nome da justa indignação popular contra o pseudo movimento monarchisla. Tivemos o recrudescimento do periodo das delações. Inventaram-se mentiras desfaçadas para envolverem monarchislas respeitaveis, e até cartas se forgicaram de Antônio Conselheiro para homens e senhoras veneraveis, de S. Paulo. Reinou omnipotentemente a perna de páo de Deocleciano Martyr, e o punhal que mais tarde devia varar o peito de um marechal do exercito, primeira e gloriosa victima da disciplina e da obediencia ao poder civil.

Não tardou muito a que nova revolta da Escola Militar viesse dar logar ao periodo agudo da lucta entre o jacobinismo e o espirito de ordem e moralidade, em cujo seio mal ferido pelos desatinos do 7,

8 e 9 de março, começara a operar-se a reacção salutar.

Foi suffocada esla nova revolta e appareceu na Câmara dos deputados a celebre moção Seabra, que foi a punção energica naquelle abcesso formidavel.

Travou-se a lucta, que por longos mezes se conservou indecisa, pois era grande o numero de jacobinos nas duas casas do parlamento.

Entrelanto, o jacobinismo se recolhera ás trevas para tentar o ultimo esforço.

Chegou o dia 5 de novembro e a garrucha do anspeçada Marcellino se erguia contra o peito inerme do presidente da Republica numa praça de armas, o Arsenal de Guerra. Tombou heroicamente o marechal Bittencourt e de novo a capital da Republica se estortegou nas garras do Terror, que era então o Terror branco.

Veio o estado de sitio e, como medida suprema de energia do governo, o fechamento do Club Militar. E depois tomaram o caminho de Fernando de Noronhaos

homens por cuja causa tanta gente foi perseguida.

Dahi em deanle Ioda a poliüca do governo cifrou-se na repressão do allenlado. A acção transmudou-se para o reeinlo dos tribunaes civis e do Supremo Tribunal Militar. O resultado é muito recente. As duas casas do congresso negaram licença para o processo dos deputados e senadores indigitados cúmplices da conspiração ; o Supremo Tribunal Militar absolveu, os officiaes implicados no crime, só o tribunal do jury acaba de condemnar os que foram considerados auctores directos. Entrementes, a situação financeira chega ao ponto de fazer ponto. O governo se desfez de vasos de guerra em construcção, Iratou de arrendar estradas de ferro e de vender proprios nacionaes, mas o dinheiro não dava para nada.

Fez-se o accordo financeiro, obteve-se a moratoria e o governo do sr. Prudente, que, sendo ministro o sr. Rodrigues Alves, já augmentara a divida exterior em

7.400.000 libras esterlinas e a divida interna em 400 mil contos, foi obrigado, sendo ministro o sr. Bernardino de Campos, a fazer um *report* de 2 milhões esterlinos, a emittir um emprestimo interno de 60 mil contos e a fazer ponto afinal, aggravando a divida externa com mais 40 milhões de libras — as do accordo financeiro.

Eis, em linhas geraes, a resenha da presidencia do sr. Prudente.

Agora que todas as vistas se voltam para o sol que desponta, é justo consignar sobre o presidente cujo mandato expira estas palavras :

O sr. Prudente foi humano, e se nem sempre foi justo, pôde ao menos ter o consolo que confortava o espirito do grande pontifice Gregorio VII, ao morrer no exilio : — mostrou amar a justiça.



**FESTAS ACABADAS**

*26 de novembro de 1898.*

Passaram-se as festas ao sr. Prudente de Moraes e, na relina de quantos contemplaram o desfilar do preslito. deveria ter ficado gravada a figura ascetica, o ar fatigado, a physionomia triste do ex-presidente da Republica.

Quem o viu passar, quem lhe divisou o rosto extremamente pallido, ermoldurado pelas fartas barbas brancas, bem pouca inveja poderá ter da posição suprema que acabou de occupar o veneravel cidadão.

Quatro annos de presidência fizeram da austera e rija figura do lavrador

piracicabano esse lodo de eremita, desapegado do mundo, a considerar confrangido nossos crimes e nossas miserias.

Reflicamos, porém, no resultado conseguido por esse esforço de quatro annos de luctas, cujas agonias se estamparam na frente do sr. Prudente de Moraes: profunda é a nossa decepção ao verificarmos que o grande, o extraordinário serviço prestado pelo ex-presidente, o serviço que lhe valeu o triumpho e a sagração publica destes dias— foi ter sido infenso ao derramamento de sangue de seus compatriotas, o ter procurado estabelecer a tolerancia, o ter fomentado a harmonia na communhão brasileira.

Não amesquinhamos, exaggeramos até esse serviço. Para o ponto de vista em que nos collocamos, preferimos que taes serviços sejam considerados a todos os respeitos heroicos, pois vamos demonstrar:

1º — que o resultado obtido está em grande desproporção com o esforço empregado ;

2º — que, por desgraça nossa, estamos na contingencia de louvar como obra de patriota nesta malaventurada Republica a simples defesa dos princípios cardeaes de uma civilisação incipiente; ou, n'outros termos, retrogradamos mais de meio seculo em nossa vida de povo independente, para recommencarmos a arcar com as dificuldades que o pulso de Feijó, o genio organisador de Vasconcellos e a persuasiva eloquencia de Evaristo já tinham domado ha sessenta annos.

No discurso proferido pelo sr. Prudente de Moraes no banquete que lhe offereceu o presidente do Estado, em 22 do corrente, ha um periodo extraordinariamente expressivo, que synlheüsa não somente a historia desses nove annos de Republica, como a natureza dos serviços do sr. Prudente:

« Hoje, disse s. exc, que está a calma restabelecida no interior e no exterior, as nações amigas vêm assistir á transmissão do poder E SABER, AO MESMO

TEMPO, QUE A REPUBLICA BRASILEIRA ENTROU NO CONVÍVIO DAS NAÇÕES CIVILISADAS.

Nestas palavras solemníssimas se enfeixa o mais fulminante anathema contra as instituições que, por nove annos, nos precipitaram na barbaria, da qual só agora emergimos, no dizer de S. Exc, graças aos seus esforços!

E no fim desses qualro annos de trabalho indefesso e de perigos, em que miseraveis condições enramos no convívio das nações civilisadas! A esse outro banquete, o das nações cultas, comparece a Republica como aquelle primo de Santo Agostinho, de condição tão íntima e tão miseravel, que fez nascer no próprio coração benigno do bispo de Hippona o sentimento da vaidade revoltada.

Com effeito, a Republica apparece com as mãos queimadas no brazeiro de Canudos, o flanco enxanilado de feridas das guerras civis, o corpo enconchado como o de velha bacchaute, e, na espadua, bem ao vivo, como o ferrete dos escravos fujões.

a concordala de Londres, pungentemente commentada pelos celebres telegrammas de Rothschild.

Embalde direis vós que não se podia fazer mais nas circumstancias que atravessamos. Mas quem foi que nos collocou em taes circumstancias, senão a sedição militar e a Republica ?

Pois, só depois de quatro seculos de existencia, depois de lermos atravessado os dous periodos historicos da expansão colonial e da aggregação ethnica; depois de termos domado revoltas e invasões; depois de termos sahido victoriosos de guerras externas; depois de termos, pela victoria de nossas armas e pela sabedoria de nossa politica interna, firmado a pre-eminencia do Brasil entre as nações sul-americanas; depois, finalmente, de termos gozado de quasi meio século de paz interna, no meio da qual nosso, systema de governo funcionou admiravelmente, servido por estadistas que honrariam a qualquer nação poderosa, e por parlamenlares,

cuja eloquencia e patriotismo rivalisariam como dos Chatlam e Beaconsfield; depois de tudo isso, só agora é que nos é dado como a Abyssinia, emergir do cahos da barbaria! ?

Se não fora a Republica, o cyclo das experiencias e das luclas estaria encerrado com a regencia. Não nos excusamos ao prazer de dar a considerar ao publico que nos lê estas nobres palavras do dr. Joaquim Nabuco, a proposito daquelle periodo, no seu ultimo livro.

«Os homens tinham nesse tempo outro caracter, outra polidez, outra tempera ; os principios conservavam-se em toda a fé e pureza ; os ligamentos moraes que seguram e apertam a communhão estavam ainda forles e intactos, e por isso, apesar do desgoverno, mesmo por causa do desgoverno, a regencia apparece como uma grande epoca nacional, animada, inspirada por um patriotismo que tem alguma cousa do sopro puritano. Novos e grandes moldes se fundiram então.

A nação agita-se, abala-se, não treme nem definha. *Um padre tem a coragem de licenciar o exercito que fizera a revolução, depois de o bater nos seus reductos e de o sitiari nos seus quarteis, isto sem appellar para o estrangeiro, sem Bastilhas, sem espionagem, sem alçapão por onde desaparecessem os corpos executados clandestinamente, sem pôr a sociedade inteira incommunicavel, appellando para o civismo e não para uma ordem de paixões que tornam todo o governo impossivel.* Os homens dessa quadra revelam um grão de virilidade e energia superior, sentindo-se somente incapazes de organizar o cahos ; ao mesmo tempo, todos possuem uma integridade, um desprendimento absoluto.>>

Mommsen não caraderisa melhor uma epoca igual na Republica Romana, dominada pelo que elle chama «a moralidade rude e energica» fonte de resistencia aos abusos exteriores, base da grandeza futura.

Se querem tomar a Republica como experiencia, comparemol-a com a Regencia.



Que profunda differença de caracteres e de resultados, ainda quando desprezemos a consideração de ser estulta para um povo a renovação de uma experiencia já feita e cujos resultados já se consummaram!

Mas não é só isso. A verdade é que retrogradamos consideravelmente na nossa civilisação. Achamo-nos agora, moralmente, muito inferiores ao que eramos na Regencia, quando ensaiávamos os primeiros passos de vida autonoma e passávamos pelas provações próprias de quem começa a vida emancipada.

Hoje, decorridos mais de sessenta annos ,falta-nos a moralidade rude e o espirito publico daquella epoca, virtudes com as quaes conseguimos vencer a anarchia de então. O laço de cohesão nacional está frouxissimo. Os Estados que, como o Rio Grande, o Amazonas, o Ceará, cahiram nas garras de uma seila intolerante ou de um syndicato rapace não encontram, nem pelos termos da Constituição republica-

na podem encontrar, correctivo nem apoio no governo da União.

O Thesouro geral, completamente exaustão, sobrecarregado com os onus anteriores, não dá esperanças de solvabilidade, porque o melhor das rendas foi distribuido para os estados e os municipios.

Ao mesmo tempo, a capacidade pagante do contribuinte, foi elevada ao maximo porque ao maximo foi elevada a exigencia do fisco.

Nenhum serviço publico melhorou e o cidadão soffre agora mais do que nunca.

Em taes condições, o sr. Prudente de Moraes, ao lembrar-se dos duros trabalhos, dos graves riscos por que passou nos quatro annos de presidencia, ha de considerar entristecido quão pequenos foram os resultados colhidos dos sacrificios feitos de tranquillidade e saúde, em bem do paiz.

Agora, apenas podemos entrar, depois de nove annos de Republica, no convivio da civilisação, fora da qual fomos vio-

lentamente arrojados em 1889. Quer dizer que estamos peiores do que eramos em 4822, no dia da independencia.

Portanto, não resta ao ex-presidente a alegria de dizer as ultimas palavras de Washington, ao contemplar a sua obra:— *It is well.*

Infelizmente, nada está bem ; cada dia que se passa, nós estamos, de uma ou de outra fórma, peiores do que na vespera.

Diz Guizot, no prefacio á biographia de Washington, por Cornelio de Witt, que não ha cousa mais bella do que ver um homem de bem á testa de uma boa causa, assegurando o seu triumpho.

Que cousa, porém, ha mais triste do que ver um homem de bem, baldados todos os esforços, á testa de uma causa ingrata?

Tal é o caso do sr. Prudente de Moraes. S. Exc. padeceu, não ha duvida ; mas si o Brasil de hoje está melhor do que em 1894, está peor, mil vezes peor, do que era em novembro de 1889.

# **O aniversario de hoje**

*5 de dezembro de 1898.*

Emquanto nos sobrar um alento de vida, emquanto houver penna que escreva e publico que leia *O Commercio de São Paulo*, commemoraremos a data de hoje, fazendo oblações á memória venerada de Dom Pedro II.

Ao traçar o elogio posthumo de Hoche, quando se celebrava o centenario de seu nascimento, disse Gambella que falar de Hoche era falar da França, era pôr-se em presença do proprio genio da patria, deante de uma de suas encarnações mais puras.

Nós sentimos lambem que falamos da patria, no que elia tem de mais nobre e mais puro, quando relembramos o nome e os serviços de quem lhe dirigiu os destinos no largo periodo que medeia enlre a Maioridade e a Republica, isto é, durante pouco menos de meio seculo.

Não é o tributo a um heróe, cuja fama se alçasse na ponta das espadas, sobre povos subjugados ; é o preito de gratidão a um bemfeitor, que, na vida, e mais ainda na morte, provou ao mundo não ser o Brasil um elo nessa cadeia de dictadores mais ou menos assassinos que se succedem no governo de todos os paizes da America néo-latina.

Os setenta e tantos annos decorridos depois da independencia da America hespanhola provaram á saciedade que toda a razão tinham os heróes da campanha libertadora, Belgrano. San Martin, Bolivar, quando descriam da fôrma republicana e tentavam—tal no Congresso de Tucuman, em 1816 — organizar solida-

mente o futuro da pátria sobre as bases da monarchia representativa.

Ainda no anno de 1817, don Bernardo O'Higgins, que enlão regia o Chile, correspondia-se com J. M. Pueyrredon, da Argentina, sobre o plano já por todos assentado de estabelecerem nas colonias hespanholas recém-libertadas uma ou mais monarchias constitucionaes. Neste sentido enviaram embaixadores á Europa, pedindo um principe cuja dymnastia não fosse a da mãe patria.

Também no México, no Peru, em Venezuela dominava o mesmo pensamento, que só não se realisou por motivos de todo independentes da vontade daquelles povos americanos.

A Republica foi encarada como um mal e perdurou como um mal para o qual debalde tentaram remedio.

E vem a pêlo dizer que aquelles grandes homens, cujos nomes apontamos acima, eram chefes de Estados Republicanos, eram poderosos nas republicas de que foram cidadãos.

Tinham, pois, a experiencia da fórma republicana, mas a ambição do mando, nelles, cedeu o passo ao vero patriotismo, e quem pugnava pela monarchia era quem era o primeiro da Republica.

Elles viam longe,

A' visão de patriotas que eram e homens superiores, desdobrava-se o panorama rubro do que havia de ser a America Republicana : ora, scenas selvagens de guerras de irmãos que se entredevoravam ; ora, o triumpho cruel do caudilho audaz, que cimenta a victoria com as delapidações e as mashorcas; ora, a bambochata financeira epilogando com o calote aos credores.

Certo, ao espirito profundo e longevidente de Belgrano deparava-se a Republica Argentina rolando das mãos sanguentas de Rosas para as garras do baloteiro Juarez.

Quiz Deus livrar-nos desses males no começo de nossa vida emancipada ; deu-nos um principe generoso, que fundou a



independencia da patria com a solida garantia de um regimen imperial. Fomos um modelo e um exemplo.

Chegou-nos, porém,, o dia da provação e, de chofre, lomba o throno imperial, marchando resignadamente para o exilio o mais antigo e o mais veneravel dos soberanos civilisados, que era ao mesmo tempo o mais brasileiro dos brasileiros.

Conforta-nos a convicção de que, segundo reza o anexim, não ha bem que sempre dure, não ha mal que não se cure. Para as nações—já o disse Guizot no prefacio á «Vida de Washington» por Cornelis de With—as desgraças são necessarias como justo tempero dos periodos de paz e de bonanças. Só no meio dellas é que se podem cultivar as grandes virtudes de abnegação e de patriotismo.

Por isso, o povo brasileiro tem soffrido a Republica como uma desgraça que lhe ha de apurar a energia moral, ensinando-o, não somente a conquistar, para o fuluro, a paz, e o progresso de que já

gozou no regimen passado, como tambem, e principalmente, a ser digno desse passado e desse regimen, que foi servido pela palavra de José Bonifácio, o genio de Vasconcellos, a penna de Evaristo, a espada de Caxias, Osório e Porto-Alegre.

Os fados historicos, que parecem casuaes e caprichosos, só o são para o observador inexperto. É velho o proloquio—Deus escreve direito por linhas tortas. As grandes desgraças só o são, as mais das vezes, aparentemente: ellas fazem desabrochar genios, recortam nitidamente as linhas dos grandes caracteres, realçam e avultam energias anonymas, entretécem coroas de heróes e talham aureolas de Santos.

Foi a Republica quem avultou a grandeza do Imperio; foi o 15 de novembro, com o banimento e o exilio, que realçou a personalidade de Dom Pedro II, rasgando-lhe o scenario do mundo inteiro, no qual elle apparece, não como grande brasileiro, mas como grande homem e bem-

feitor dos homens. Agora, na alma da nação brasileira, o velho imperador é um symbolo. A tradição e a lenda darão á sua physionomia augusta esse tom longinquo e merencoreo de virtude e martyrio, essa aureola mystica que, na imaginação popular, cala mais fundo do que todas as glorias retumbantes.

Uma causa que tem tal symbolo para perpetual-a no coração do povo não póde desfallecer.

E ella teve, de mais, a oblação do sangue generoso de Saldanha da Gama, o sacrificio dos martyres de Canudos.

Foi do cerne de nossa nacionalidade que irrompeu a lucta dos sertões, inteiramente espontanea, sem a minima ligação com os chefes monarchistas, sem o menor vislumbre de conspiração. Mas aquelles fanaticos se fanatisaram com a Monarchia e pela Monarchia; por ella morreram, por ella foram exventrados a dynamite; o nome do imperador expirou com o ultimo hausto de vida nos labios dos degollados.

Eram inconscientes — dizem; mas, são inconscientes todas as paixões que produzem todos os grandes heroísmos.

Sete annos depois da morte do imperador, a causa monarchica é, incontestavelmente, a da civilisação do Brasil. Para sel-o, foi preciso que viesse a Republica, que durasse até agora e pudesse, por isso mesmo, servir de termo de comparaçãõ.

Arrancaram, é verdade, o nome do imperador dos estabelecimentos que por sua iniciativa se fundaram, arrancaram-no das estradas, dos parques. O corpo do velho soberano ainda repousa em terra estrangeira; mas de que vale tudo isso ?

De nada valeu a destruiçãõ cuidadosa e systematica de quanto pudesse lembrar Dom Pedro II, porque transformaram seu nome n'um symbolo que representa não somente a grandeza no passado, mas ainda e sobretudo, a esperança no futuro.

Hoje, no anniversario de sua morte, nós, que não lhe pudemos beijar as mãos

no tempo em que ellas, dadivosas, espalhavam as posições e as recompensas, acercamo-nos da sua memoria como quem pede inspirações a um nume bemfazejo.

Morto, elle é ainda maior do que vivo — disse um orador celebre no exordio do seu elogio funebre a José Bonifácio.

Da morte de Dom Pedro II, surgiu redivivo o exemplo, cada vez mais fecundo, da sua abnegação patriótica e do seu patriotismo abnegado.

Para a geração que desponta agora, esse nome augusto, como talisman precioso, avigora a coragem dos luctadores e lhes dá perseverança para combaterem sempre, sempre, pelo Imperio, que é a patria unida e grande.



**VISCONDE DE TAUNAY**

*27 de janeiro 1899.*

Os leitores d'*O Commercio de S. Paulo* devem conservar ainda a impressão de um magnifico estudo, da lavra de João Ribeiro, publicado nesla folha em quatro artigos successivos, em fins de março do anno passado, sobre o visconde de Taunay. Já antes haviamos publicado outro longo trabalho do sr. Alfredo de Paiva sobre aquelle nosso eminente compatriota, cuja morte inesperada nos produz como que um espasmo de assombro.

Ha tres dias, a revista lilteraria do *Jornal do Commercio*, escripta por José Veríssimo, occupava duasc olumnas entre-

linhadas do grande organ com a critica do *Declínio*, a ullima obra do auctor que burilou a *Innocencia*.

O critico acima referido acha tres qualidades essenciaes, que constituem, na sua opinião, a personalidade do eminente finado; o seu brasileirismo, o seu liberalismo, o seu espirito de propagandista.

João Ribeiro admira-lhe nas obras, a tranquillidade serena e olympica, a paixão— não sabemos bem se puramente pela patria, pela arte, ou pela justiça ao verdadeiro merito, mas certo por tudo isso ao mesmo tempo—que fez de Taunay, em altissimo grau, um grande *radresseur des torts*. A esta notavel qualidade devemos a resurreição artistica do até agora esquecido, embora grande compositor brasileiro, o padre José Maurício.

Para nós, que não lemos a pretensão de criticar nestas linhas a obra variada e superior do nosso illustre compatriota—sua qualidade primeira, a que mais nos impressionou e mais nos vai faltar, é o seu brasileirismo.



Foi este carinho piedoso pelas cousas da patria, que produziu tres grande resultados na vida do Visconde de Taunay : a *Retirada da Laguna*, a *Innocencia* e a fidelidade á monarchia, que encarna a , tradição, e a historia, resume a virtude e exprime a esperança desta terra.

Taunay, filho de fidalgos, nohre elle mesmo no mais alevantado sentido, começou a vida arriscando-a pelo seu paiz. A carreira das armas seduziu-lhe o espirito, nobremente generoso, de manceho e de fidalgo.

A Escola Militar graduou o jovem official, que, mais tarde, deixou o serviço das armas no posto de major, para pugnar pela patria noutro terreno, nada menos afanoso e arriscado—a arena do parlamento brasileiro.

Da vida militar, deixou-nos Alfredo d'Escragolle Taunay, uma obra que é o drama esplendido do heroismo anonymo, da resignação sem par dos nossos velhos infantes, da guerra do Paraguay, o episo-

dio mais tocante é sem duvida a retirada da Laguna. Taunay foi um dos heróes desse feito d'armas, que elle perpetuou em phrases repassadas da mais viva e sincera commoção.

Quem não se lembra dos irmãos Alexandre e Martinho, aquelles dous soldados que na *Retirada da Laguna* nos legaram o symbolo mais dramatico e commovente da amizade fraternal ? Não podia descrever-nos assim a fidelidade e o amor fraterno quem não possuísse a corda de finíssima sensibilidade que produz também a dedicação aos principios, a paixão pela justiça, e essa grande energia moral alentadora da resistencia á desgraça ou ao despotismo.

O Visconde de Taunay, privado das posições a que attingiu com o seu merito notavel, privado até de recursos materiaes, resistiu nobremente á desdita, sabendo conservar-se, como verdadeiro fidalgo, fiel ao seu rei, á sua lei e á sua patria.

Dos homens do imperio, nenhum, pelo menos apparentemenle, parecia mais pre-

parado para a Republica. Com effeito, foi Taunay o primeiro e o mais activo propagandista da immigração em larga escala, da grande naturalisação, do casamento civil—idéas estas que a Republica, de golpe, quiz pôr em pratica nos primeiros dias da sua atormentada existencia. Entretanto, o espirito atilado do politico e o amor puro, fervente, mas desinteressado do patriota, mostraram a Taunay o ponto negro da traição republicana—avultado no apparato do liberalismo espalhafatoso e fingido dos primeiros actos do actual regimen. Nem a vaidade natural do politico que vê reduzidas a decretos as idéas pelas quaes se bateu, nem o movimento de sympathia que impelle o propagandista a abraçar a quem lhe abraça lambem as idéas—nenhuma dessas forças pode desviar Taunay de sua fidelidade cavalheiresca ao Imperio e á Familia Imperial. Filho de nobres francezes, que emigraram para o Brasil no tempo de D. João VI, Alfredo d'Escragnolle Taunay mostrava

na physionomia aberta e serena, na cuidara e nos cabellos louros, aquelle *quê* de inspiração indefinivel e de idealidade dos francos, soldados de Clovis, ou de Meroveu, que não vollavam dos combates onde pereciam os chefes.

Só Puvis de Chavannes, nas telas historicas que decoram o Pantheon, nos retrança, com uma sensibilidade mystiea, essas figuras sempre alvas de soldados jamais maculados pela poeira dos prelios, nas quaes o sangue rorante das feridas, ó longa flammula de purpura, que lhes enfeita, como ornato casquilho, o traje de guerra.

Taunay nasceu em 22 de fevereiro de 1843. Não era, pois, physicamente, um velho. Apesar do soffrimento de diabetes, que o torturava nos ultimos tempos, vivia em plena actividade intellectual. Não lhe passava despercebido o menor Irabalho que tocasse de perto as cousas patrias. Disto são testemunhas os leitores desta folha, onde, por tantas vezes, brilharam

os escriptos do nosso saudoso compatriota !

O homem cuja vida litteraria tão cedo começou com as *Scenas de viagem* (1868); a *Retirada da Laguna* (1870); o *Jornal da campanha, das Cordilheiras* (1870); a *Mocidade de Trajano* (1872); *O manuscripto de uma moça* (1873); a *Historia do Brasil* (1874); *Narrações militares* (1877); os quadros e as paixagens do sertão, o estudo sobre os estadistas do Imperio, publicado, não ha muito, na *Noticia*, com o pseudonymo de Anapurús, o *Declínio*, etc, foi, incontestavelmente, um dos mais notaveis homens publicos deste paiz,.

E, na orientação da sua carreira politica, vê-se que elle considerou, com verdade e justiça, o problema social como o caminho principal para a solução das questões politicas.

Elle viu a decadencia desta raça; elle conheceu as molestias que a prostravam. E, partindo do problema social, reco-

nheceu que a Republica não veio senão augmentar os nossos vicios, relaxar os nossos costumes, fazer perigar o nosso futuro.

Por isso, elle, que era um liberal, combateu a Republica, que nos arrastou para o enfraquecimento, o desgoverno e o desbribo.

Elle quiz que, ainda depois de cadaver, lhe cobrisse o peito leal a farda de senador do Imperio. Elle quiz que lhe brilhasse ao flanco, na derradeira marcha, a espada que fulgiu outr'ora em defeza do Imperador o do imperio.

De taes mortos podemos dizer as mesmas palavras de Lincoln, em um trecho classico de eloquencia incisiva e forte, sobre o campo de balalha de Gettysburg:

—Elle não morreu em vão : elle pelejou e morreu para que esta nação possa ter um dia um renascimento de liberdade !

**O 7 DE ABRIL**

*7 de abril de 1899.*

Em regra geral, os que fazem a historia, são uns, os que a escrevem são outros. Mui raramente se reúnem no mesmo individuo aquellas duas aptidões. Só um homem excepcionalmente perfeito, aquelle que moveu a sensibilidade de Mommsen, arrancando-lhe paginas de eloquencia arrebatadora, poude, no mesmo grau de superioridade, conquistar as Gallias, civilisar os gaulezes e fazer a historia de tal conquista.

Dahi vem a diversidade na interpretação dos factos, a difficuldade no escorço psychologico, os erros no traçar um perfil,



no delinear uma physionomia. Macaulay, na *Historia da Inglaterra*, já fala do máu veso de fazer da hislória instrumento de partido, máu veso que resulta do facto de, na ausencia de constituição escripta, serem os politicos inglezes obrigados a recorrer a cada passo aos precedentes, isto é, a mesma historia, procurando dobral-a ás conveniencias de partido.

Taine, n'um bellissimo estudo sobre o *Imperio Romano* de Troplong e Montalembert, mostra como os auctores, politicos militantes, mascararam a França moderna no Imperio antigo e symbolisaram, para verberal-os ou enallecel-os, os políticos francezes do seu tempo nos cónsules, nos tribunos, nos generaes, nos imperadores da antiga Roma.

Se isso é uma verdade reconhecida, nós, por isso mesmo que somos políticos e que a reconhecemos, trabalhamos por evitar o escolho de ter uma historia para nosso uso. É fugindo a essa corrente que recorreremos a auctoridades insuspeitas, quan-

do queremos esclarecer um facto de cuja comparação possam advir vantagens para a nossa politica.

Na ultima discussão que travámos com *O Estado*, elle, não podendo destruir os factos por nós apontados, disseque tinhamos uma historia para nosso uso. Temos, de facto, para uso diario, a historia do Brasil, escripta pelos poucos que a têm escripto até aqui, sejam elles gregos ou troyanos.

Essa, naturalmente, não é só a do sr. Felisisbello Freire e a do sr. Hannibal Mascarenhas: é também a que é formada pelos decretos, as leis, os relatorios, as exposições de motivos, as proclamações, as mensagens e as ordens do dia escriptos e publicados desde 15 de novembro até hoje.

A historia do movimento de 7 de abril o dessas que os Republicanos têm tomado para justificativa do actual regimen, como prova das aspirações republicanas. É ella, entretanto, que não somente dá ao pri-

meiro Imperador, no dizer de Armitage, uma grandeza que elle não tivera, porventura, nos seus dias de prosperidade, como ainda estabelece o divorcio permanente entre a verdadeira opinião nacional e a opinião republicana, facciosa e anarchica.

Quando o povo e a tropa, amotinados no campo de S. Christovam, impuzeram ao Imperador a demissão do ministerio formado na vespera, elle se viu nesia alternativa: ou teria que permittir uma invasão de suas prerrogativas constitucionaes, ou lançar-se nos azares de uma guerra civil, da qual poderia sabir victorioso, tendo por si o Thesouro, mas seria um golpe profundo na prosperidade da nova patria, que havia nove annos apenas se tinha formado e luctava então com grandes embaraços para sua união e sobretudo para a sua defeza pelo lado do Sul.

Dom Pedro I não quiz soffrer a usurpação de suas prerogativas constitucionaes e não quiz abrir a guerra civil.

Resolveu abdicar e o fez de motu-proprio, poderíamos dizer de surpresa, sem ouvir uma opinião, sem consultar um homem de Estado.

Quando Miguel de Frias, o official commissionedo pela reunião do campo de S. Christovam, se dispunha a montar a cavallo para dizer a seus constituintes que o Imperador não cedia quanto á demissão do ministerio, o Monarcha, deixando a joven Imperatriz banhada em pranto, pela perspectiva da tragédia que parecia estar preparada, disse áquelle official:

— « Espere ainda um pouco. Leve uma resposta mais decisiva ». E escreveu de proprio punho a abdição.

Depois, lavrou o acto que nomeava José Bonifácio tutor do novo Imperador e das princezas suas irmãs, que ficavam no Brasil.

Não podia dar mais prova de amor a este paiz o Principe que lhe deixava confiados seus filhos infantes, em um momento de tamanho perigo.

Ninguém pôde tirar ao primeiro Imperador o character heróico que tão brilhantemente se expandiu na campanha contra o absolutismo em Portugal.

Tres annos mais tarde, em 1834, lá fallecia, com 36 annos de idade, o homem que assegurara a independencia do Brasil e firmara o systema representativo na metropole.

A 7 de abril, como a 15 de novembro, havia na praça publica, ao lado da tropa e insufflando-lhe a indisciplina, exaltados republicanos, entre os quaes figura Odorico Mendes; em 7 de abril, como em 15 de novembro, houve traidores da ultima hora; em 7 de abril, como em 15 de novembro, o movimento se fez em nome do exercito, daquelle mesmo exercito que o Imperador sustentára a todo o transe e ao qual sacrificara a popularidade.

A differença entre os dous movimentos é que o 7 de abril foi de fado a explosão do sentimento nacional, cioso da independencia, ao passo que o segundo leve

por ponto de partida um interesse de classe, que se julgava mal aquinhoada na partilha dos dons do poder. O movimento nacional não podia deixar de conservar o Imperio, que era a garantia da independencia e da unidade da patria; o movimento de classe precisava ir mais longe no despeito e quiz mudar a face das cousas, creando um regimen novo, para o qual seria sempre como o creador para a creatura.

Menos de um anno depois do 7 de abril, no periodo agitado da Regencia, o exallamento quiz crear a federação contra a qual falava a proclamação imperial dalada de Ouro-Preto, em 1831 ; a Camara dos deputados votou o estabelecimienio da monarchia federativa, em 1852. O Senado combateu a perigosa reforma e, quando o projecto voltou á Gamara, o grande Rebouças produziu em defeza das emendas do Senado uma daquellas notaveis orações que faziam hobrear o jurisconsulto bahiano com os mais afamados parlamentares inglezes.

Mas a Constituição soffreu as reformas constantes do Acto Addicional, que desde então se elaborava, e a Monarchia brasileira poude, atravéz de todas as vicissitudes, manter-nos a unidade, dar-nos a paz interna, a ordem nas finanças e o alevantado credito no exterior.

É justo, pois, que agora, quando arrastamos uma existencia precaria e gozamos ainda de uma independencia nominal, graças á misericordia dos Estados-Unidos e da Inglaterra, relembremos as glorias passadas, invertendo o pensamento de Dante :

—Nenhum maior consolo, nenhum maior estímulo para avigorar a fé nos destinos da patria e a esperanza em sua grandeza futura, do que recordar as glorias passadas no meio da miseria presente.

**A GALEOTA REAL**



Querendo explicar o sentimento communicativo que certos sitios inspiram a quem os visita, crearam os antigos o *genius loci*. Ha, com effeito, um espirito que anima as paizagens, um genio que diffunde nos velhos campos de batalha ou nos muros rotos das ruinas a solemne e magestosa tristura das cousas passados e definitivas.

Cedendo ao subtil influxo de querer peneirar a natureza quando ella, faceiramente, se estende em vergeis ou se arredonda em collinas ; obedecendo a essa curiosidade de apprehender e communicar a linguagem muda das cousas; arrastada

pela observação ao mesmo tempo funda e nostálgica, que faz germinar no homem o artista e neste a anciã de devassar mysterios, de possuir as causas das cousas, de fazer transparentes os flancos da materia—a imaginação dos gregos povoou de nomes os campos, os montes, os rios. Teve ali cada collina uma oreade, «cada rio uma nayade, cada arbusto uma dryade, cada angra uma nereide, cada burgo um eponymo e uma historia, cada pedra um mytho ou uma tradição, onde a natureza está sorrindo o riso dos deuses...»

Mas não ha só o *genius hei*; tem cada monumento o seu nome também. E se a cada pedra deram os gregos um mylho, porque não daremos nós um genio a uma nave, um espirito a uma velha galeota restaurada ?

Ha, de certo, alguma cousa de fatidico nessa galeota que, apparecendo quando madrugava o imperio, ao imperio sobreviveu.

Talvez não durassem tanto as galeras phenicias que deixaram no mundo, como

eterna lembrança, as lendas maravilhosas de Thule e Ophir. As triremes que venceram em Salamina, os galeões que triumpharam em Lepanto, as caravellas que descobriram o Novo Mundo não duraram sequer a vida de seus commandantes.

De barcos históricos só nos restava a corveta *Amazonas*, ainda crivada das balas de Riachuelo ; mas, apesar de poder, em idade, ser nela da galeota real, já foi, ha quasi tres annos, sepultada nas aguas da bahia de Guanabara.

Só nos occorre a lembrança de um navio heroe, cujos restos se vêem ainda como um invalido glorioso, graças a infinitos cuidados: é o navio de Nelson, vencedor do Trafalgar.

A galeota, entretanto, vive, porque fluctúa ainda, e vai trabalhar. É ella que vai dar as boas-vindas ao chefe da vizinha Republica. É della que nos servimos para exprimir um acto de galanteria ao presidente argentino. É ella, que, como uma fidalga gentil, vai receber o hospede augusto.

É ella como a senhora mais fina e mais elegante, a cuja sombra nos abrigamos por bem mostrar que sabemos receber.

É certo que não o de purpura o seu velame, nem de prata seus remos, como os da nau de Cleopatra ao remontar o Cydno.

O compasso das remadas não será marcado ao som de flautas e de lyras, mas simplesmente ao resfolgar cadenciado de marinheiros negros.

E, assim, a galeota real vai receber o general Rocca de bordo do couraçado SAN MARTIN, que tira este nome do companheiro de BELGRANO e um dos heróes da independencia sul-americana.

O espirito que naturalmente se occultou nas juncturas da graciosa nave foi talvez testemunha de colloquios passados, ha quasi um seculo, a proposito daquelle mesmo Belgrano e de certos projectos seus. O heróe da independencia argentina era convictamente monarchista e, ao pôr-se á testa de seus patricios para sacu-

dir a dominação hespanhola, quiz que cingisse a coroa do antigo vice-reinado do Prata, erigido em reino independente, a princeza d. Carlotta, mulher do principe real e regente, depois D. João VI.

E veja-se agora como o destino junta uma vez, a galeota que relembra o nome de D. João VI ao navio que traz o do companheiro de Belgrano. Este queria pôr talvez, em pratica o velho projecto do conde de Florida Blanca : crear para o rei de Portugal um vastissimo imperio, composto das possessões luso-hespanholas no novo mundo. Queria, pois, abrigar a America do Sul no manto real de um principe europeu para defendel-a coirira a reconquista ou a absorpção da Europa.

Mas a resurreição da velha galeota traz-nos também a resurreição de uma memoria que deve ser venerada entre os amantes de nossa terra e os conhecedores de sua historia.

Essa resurreição, no meio do *miserere*, que é o grito de anciã desta quadra cala-

mitosa—traz-nos um esto da vigor extinto, um pouco do calor patriotico da geração fundadora da patria.

Por isso, o espirito mysterioso do velho barco, um dos raros coevos da independencia, percorre um instante nossa patria nos dias actuaes, afim de perscrutar-lhe os queixumes ou as esperanças.

Que pôde elle vêr e ouvir, senão desalentos, angustias, desesperanças?

O quadro da situação interna é, sem o minimo exaggero, o da miseria mais negra na lavoura e do mais triste descredito no commercio. Não ha emprego para os que querem trabalhar e os que trabalham e ganham não conseguem o bastante para suas necessidades.

Ha Estados da União na mais completa ruina, sem poderem pagar os salarios, não somente dos funcçionarios publicos, como até dos mais modestos operarios. Os impostos, sob a triplice fôrma de municipaes, estadoaes e federaes, escorcham o povo maltrapilho, deixando-o escalavrado e sangrento.

As primeiras e quasi exclusivas fontes de retida geral— as Alfandegas— hypothecadas como garantia de empréstimos onerosos, consumidos nas hecatombes das guerras civis e nas orgias retumbantes da Republica.

No exterior, não é animadora a situação. As fronteiras do norte, francamente ameaçadas pelas preleções francezas e inglezas. As do occidente, invadidas pelos bolivianos, que, depois de nos devorarem os rendimentos da zona do rio Acre, nos amedrontam com o espantallo de uma alliança norte-americana.

No meio de tudo isso, só um homem está bem, só elle é optimista, só elle vê o futuro côr de rosa : é o sr. Campos Salles.

Mas o espirito mysterioso não póde cançar-se em vêr somente ruinas, elle que é contemporaneo de um período de vitalidade intensa, quando a geração heroica da independencia não só fundava a patria, como alargava-lhe as fronteiras

e firmava-lhe, em grandes e brilhantes victorias, a hegemonia na America do Sul.

Esse espirito revive aquolle periodo do simplicidade austera e de força. A familia real, ao desembarcar no Brasil, abria-lhe os portos ao commercio do mundo, pelo decreto de janeiro de 1808, creava a Academia de Bellas Artes, a escola de artilharia, origem da escola militar de hoje; a escola de cirurgia, origem da de medicina ; construia o Passeio Publico e o Jardim Botânico, no Rio ; creava o Banco do Brasil; fazia mil outras obras, espalhava outros tantos benefícios e, levantando a voz contra a omnipotencia de Napoleão I, declarava a guerra á França, por causa da invasão de Portugal.

O nome que está ligado a taes serviços é o de D. João VI.

É justo lembrar que os seus exercitos tomaram a Guyana Franceza, de que foi, durante oito longos annos, governador o illustre João Severiano Maciel da Costa,



marquez de Queluz. Naquelle tempo, nós não tínhamos soffrido as affrontas que nos infligiu o *Bengalt*.

O inolvidavel mineiro que durante oito annos regeu a colônia fez uma administração que, até agora, é louvada pelos proprios escriptores francezes, como o melhor governo que jamais houve em Cayenna.

Entretanto, a parvoice dos homens de agora, querendo restaurar a galeola, arrancou-lhe, ao que se diz, os dragões do escudo da Casa de Bragança ! É incrível que a estupidez lenha chegado a esse ponto !

Quem fez isso era capaz de mandar cobrir de alvaiade o lecto da Capella Sixtina, pintado por Miguel Ângelo; era capaz de raspar as barbas veneraveis do Moysés do genial florentino, para deixar-lhe uns bigodes pontudos de janota petulante !

Ah! as cousas não têm lagrimas somente, como disse o poela; ellas têm ainda o sarcasmo dilacerante e a ironia

cruel: as taboas da galeola são a única ponte decente, por onde um chefe de Estado estrangeiro pôde chegar, como hospede, ás praias de nossa patria.

Ellas representam o Brasil passado, o Brasil glorioso e grande, o Brasil respeitado e temido, que foi o Brasil monarchico.

Quando o general Rocca tocar aquella reliquia, ha de sentir um frêmito de terror superslucioso, alguma cousa como o contado com os vencedores de Monte-Caseros, os destruidores da tyrannia de Rosas os libertadores da Republica Argentina.

O espirito mysterioso não abandonará, por certo, o general Rocca na sua estada no Rio. Inspirados por elle, os olhos argutos do estadista argentino hão de vêr que o unico meio de fazer a America do Sul temida e respeitada da Europa e da America do Norte é ter, como baluarte do continente meridional, uma grande nação unida, acreditada e forte, como foi e será o Imperio do Brasil.

FIM

# INDICE

PAGS.

O Passado de Minas e a Inconfi- dencia .....	9
Christovam Colombo e a Desco- berta da America .....	44
The grand old man .....	69
Ao Chile (Por ocasião da visita dos officiaes da esquadra chilena a São Paulo) .....	77
A Commemoração de Anchieta (Tri- centenario).....	87
4 4 de Julho.....	95
Canovas del Castillo .....	105
7 de Setembro .....	119
Campanha de Canudos (O epilogo da guerra).....	129
Paula Ney.....	141

	PAGS.
O attentado do dia 5 de Novembro de 1897 (A morte do marechal Bittencourt).....	
Dous de dezembro (Anniversario natalicio de D. Pedro II).....	147
Dom Pedro II.....	155
André Rebouças.....	165
1498-1898 (O 4º centenário da expedição de Gama ás índias).....	175
O Príncipe de Bismarck .....	184
A Imperatriz da Áustria. ....	195
General Couto de Magalhães, .....	214
1894-1898.....	219
Festas acabadas.....	235
O anniversario de hoje .....	253
Visconde de Taunay .....	265
O 7 de Abril.....	277
A Galeota Real.....	287
	297